Disney

Gravity Falls

Aventuras em Dobro



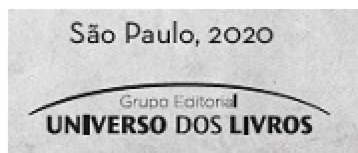




UNIVERSO DOS LIVROS


Disney
GRAVITY FALLS

Adaptado por Tracey West
Baseado na série criada por Alex Hirsch



Diretor editorial: **Luis Matos**
Gerente editorial: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**
Tradução: **Aline Uchida**
Preparação: **Nestor Turano Júnior**
Revisão: **Marina Takeda e Juliana Gregolin**
Arte: **Valdinei Gomes**
Diagramação: **Rebecca Barboza**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

G818

Gravity Falls : aventuras em dobro / adaptado por Tracey West ; baseado na obra de Alex Hirsch ; tradução de Aline Uchida. — São Paulo : Universo dos Livros, 2020.
112 p. : il.

ISBN: 978-85-503-0450-2
Título original: Pining away

1. Literatura infantojuvenil 2. Gravity Falls (Programa de televisão) 3. Desenho animado I. West, Tracey II. Hirsch, Alex III. Uchida, Aline

---

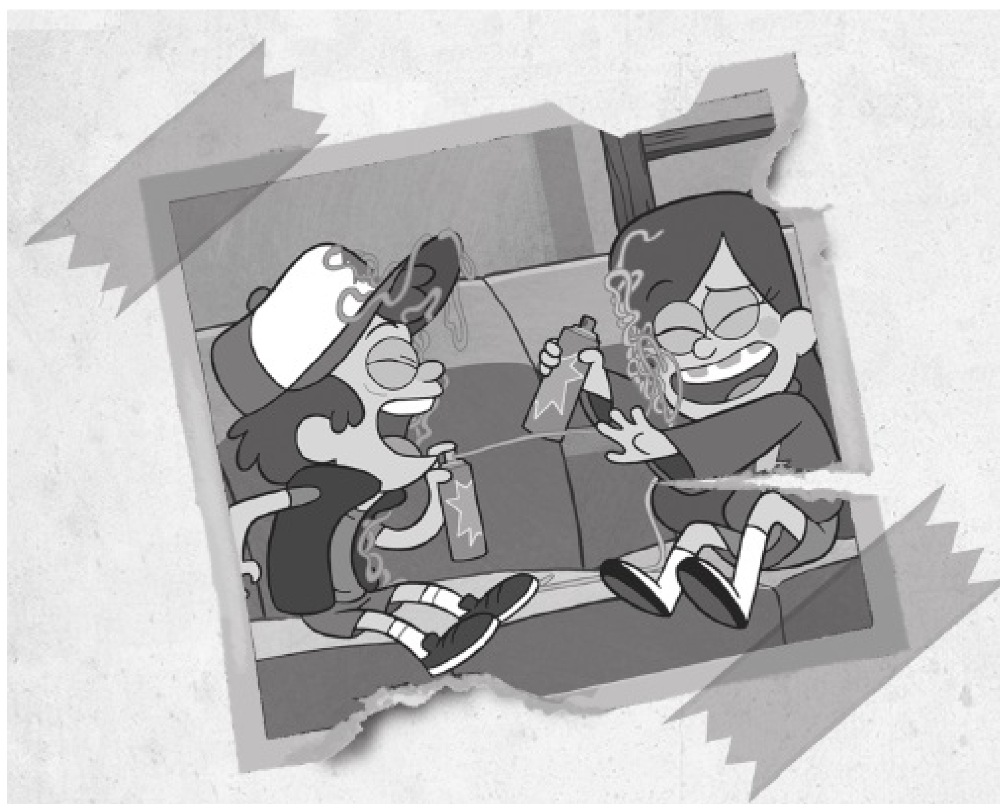
19-2818 CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803
CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros



PARTE UM

CAPÍTULO UM



— AH NÃO, MABEL, eu tô… eu tô passando mal — Dipper disse, gemendo. Ele fez um som de vômito e… apertou um spray, que soltou um fio rosa colorido na cara de sua irmã!

— Ugh! — Mabel lamentou. Em seguida, ela pressionou o estômago. — Tivô Stan! O que você nos deu?

Ela pegou uma lata de spray e mirou em seu irmão, atirando fios roxos nele. Ambos morreram de rir.

Wendy, sua amiga, caminhou até eles.

— Gente! Gente! Acabou de acontecer uma coisa terrível.

Preocupados, Dipper e Mabel pararam de rir por um segundo. Wendy, então, fingiu que vomitou o fio verde do spray em cima deles.



— Grande comédia! — exclamou Mabel, arremessando confetes no ar, que pousaram na cabeça de Stan enquanto ele passava por ali.

Stan não estava se divertindo.

— Tá legal, tá legal! Material de festa agora tá proibido — ele disse, retirando os fios coloridos e confetes das mãos deles.

Mas nada poderia arruinar o humor de Dipper e Mabel. Eles estavam muito empolgados com a festa que seu tio-avô Stan organizara na Cabana do Mistério. No começo do verão, Dipper e Mabel foram até o Oregon para ficar com seu tio-avô em sua construção. Localizada nas profundezas das florestas, a empoeirada cabana era repleta de objetos estranhos e incomuns, como caveiras de dinossauros, esculturas antigas e, aparentemente, jarros com

líquido e olhos dentro. Tais itens atraíam turistas e Stan tinha a esperança de que eles deixariam todo o seu dinheiro na loja de lembrancinhas na saída.

Ajudar na Cabana era interessante, mas até agora eles não haviam feito muitos amigos, exceto por Wendy e Soos, que trabalhavam na Cabana, além do Velho McGucket — que era completamente maluco.

Logo, quando Tivô Stan anunciou que faria uma festa e todas as crianças de Gravity Falls seriam convidadas, Dipper e Mabel ficaram muito empolgados. Eles passaram a tarde ajudando a arrumar o lugar para a festa. Wendy encheu balões e Soos pendurou bandeirolas pelo salão.

— Sr. Pines, é aniversário de quem, mesmo? — perguntou Soos.

— De ninguém — Stan respondeu. — Achei que essa festa seria um bom modo de fazer as crianças gastarem dinheiro.

Ele orgulhosamente desenrolou um pôster antigo para usar na brincadeira de colocar a cauda no burro.

— Legal! — exclamou Soos.



— Os jovens da cidade querem se divertir? Eu vou sufocá-los com diversão! — disse Stan.

Soos pode ter ficado impressionado, mas Dipper sabia que seu Tivô Stan estava um pouco, bem… desatualizado.

— Talvez esse tipo de comentário espante os jovens da Cabana do Mistério — argumentou Dipper, colocando um copo de Pitt Cola diet para Mabel.

— Ei, ei! — Stan falou, pegando a garrafa de refrigerante dele. — Que tal ser útil e copiar esses folhetos pra mim, hein?

Ele entregou a Dipper uma prancheta com panfletos nos quais lia-se “FESTA NA CABANA DO MISTÉRIO. CRIANÇAS E ADOLESCENTES SÃO BEM-VINDOS. GRÁTIS?”.

— Nossa! — exclamou Mabel. — Uma ida à loja de cópias!

Soos apareceu atrás de Mabel.

— Calendários, canecas, camisetas e mais! Eles têm de tudo na loja de cópias! — ele falou como se estivesse cantando. — Não é esse o slogan, é que eu vejo assim mesmo a loja de cópias.

— Não precisa — Stan respondeu. — Sabe a velha copiadora do meu gabinete? Finalmente consertei a garotona. Nova em folha!

Em seguida, eles foram para a despensa úmida e empoeirada. Então retiraram a capa de proteção da copiadora e mariposas saíram dali, batendo as asas.

Mabel se surpreendeu.

— Borboletas!

A copiadora se assemelhava a uma pilha de lixo. Estava coberta de poeira, amassada e repleta de fita adesiva para mantê-la unida.

— Esta coisa funciona? — Dipper perguntou. Ele levantou a tampa e se inclinou na direção do vidro para conseguir pressionar um botão no painel de controle.

A copiadora ligou e o vidro se acendeu com um brilho verde. A máquina emitiu um zunido e escaneou o braço de Dipper.

Poof! A copiadora soltou faíscas e nuvens escuras de fumaça. Quando a fumaça se dissipou, um pedaço de papel deslizou para fora da bandeja, mostrando a nítida imagem do braço de Dipper.

— Excelente! — Mabel falou, pegando a folha de papel.

De repente, o papel começou a se mover da mão de Mabel. Perplexa, ela o derrubou. No chão, a cópia do braço de Dipper começou a mudar: primeiro a cor da imagem em preto e branco oscilou, e, então, se transformou em um braço 3D realístico e começou a sair do papel!

— Aaaaah! — gritaram Dipper e Mabel.

O braço se levantou sozinho e então bateu com força no chão, se arrastando na direção de Dipper e Mabel, que estavam aterrorizados. O braço rastejou para cada vez mais perto… mais perto… mais perto…

— Pra trás! — Dipper gritou. Pegou o refrigerante de Mabel e jogou no braço.

O braço começou a borbulhar e chiar. Depois, se desintegrou completamente. Dipper se virou para sua irmã.



— Cacetada, Mabel. Eu acho que essa máquina de xérox copia seres humanos!

— Imagina o que isso quer dizer? — perguntou Mabel. — Blaaaaaaah!

Então ela lançou o spray de fios roxos no rosto de Dipper.



CAPÍTULO DOIS



DIPPER E MABEL decidiram não contar ao Tivô Stan sobre a copiadora estranha. Eles já haviam encontrado várias coisas esquisitas lá nas florestas do Noroeste Pacífico, mas Stan disse não acreditar em nenhuma dessas histórias. Claro, ele tinha a Cabana do Mistério repleta de itens místicos, mas eles eram apenas para turistas ingênuos.

Dipper e Mabel terminaram de copiar os panfletos e os levaram para Stan, no salão da festa. Tudo parecia pronto para a festa: dos

cordões de luz até os balões e os enfeites de estrelas roxas e metálicas. A pista de dança estava perfeitamente polida e pronta para uso. Tivô Stan se reuniu com todos os que estavam ajudando a organizar a festa: Dipper, Mabel, Soos e Wendy.

— Muito bem, gente da festa, e Dipper — ele disse, e Dipper franziu as sobrancelhas. — Vamos falar sério. Soos, já que vai trabalhar de graça, e implorou por isso, deixo você ser o DJ.

— Não vai se arrepender, sr. Pines — falou Soos. — Tenho este livro pra me ensinar a ser DJ ce-ce-ce-certo.

Soos segurava um livro intitulado *COMO SER D-D-D-DJ CE-CE-CE--CERTO*, ESCRITO POR DJ RISCA-DISCOS.

— Não me anima muito — confessou Stan. — Wendy, você e a Mabel vão ficar na bilheteria.

— O quê?! — Mabel reclamou. — Mas essa festa é a minha chance de fazer novos amigos!

— E-eu posso trabalhar com a Wendy — sugeriu Dipper rapidamente.

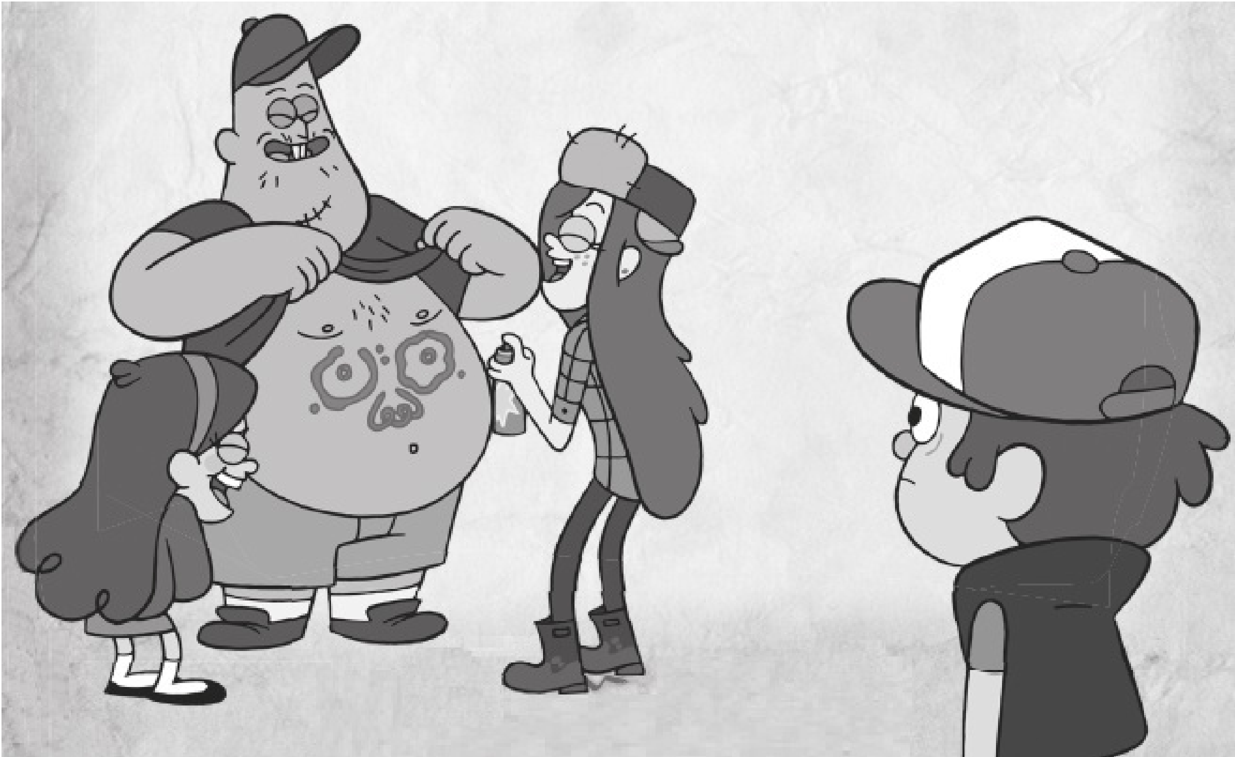
Seu coração bateu mais rápido quando ele disse isso. Ele tinha uma quedinha pela Wendy desde que a vira pela primeira vez. Ele sabia que isso provavelmente seria impossível; ela tinha quinze anos e ele, tecnicamente, nem era um adolescente ainda. E ela era mais alta que ele. E sempre parecia estar com um namorado. Mas ainda assim… ele continuava com essa paixão não correspondida.

— Você entendeu que, se fizer isso, vai prometer ficar na bilheteria, e com a Wendy — disse Stan, firmemente. — Não tem escapatória, só vocês dois sozinhos. A noite toda.

Dipper olhou para Wendy. Ela desenhava com tinta em spray um rosto engraçado na barriga de Soos. Ele riu para fazer o rosto se mexer. Wendy e Mabel morreram de rir.

Dipper suspirou.

Wendy era a garota de seus sonhos!



— Eu prometo — ele respondeu.

Dipper não tinha muito tempo. Ele correu para o sótão da Cabana do Mistério, onde ficava o quarto que dividia com Mabel. Primeiro, ele precisava de um plano. Então, tinha que estar bem-apresentado para Wendy. Ele gargarejava enxaguante bucal quando Mabel entrou e o surpreendeu.

— Ah! O que foi? — ele perguntou.

Mabel abriu um grande sorriso e começou a falar no tom de voz de garoto bobo:

— Uhh, eu posso ficar na bilheteria com você, Wendy. Me dá um beijinho! — Ela fez sons de beijos.

— Tudo bem, pode me zoar o quanto quiser — Dipper arrumou sua gravata-borboleta no espelho. — Mas bolei um plano para garantir que minha noite com a Wendy seja perfeita.

— Plano? Ai, você não vai fazer uma dessas coisas supercomplicadas não, né? — perguntou Mabel.

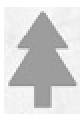
— Ah, supercomplicadas? Deixa eu só… Tá legal? — insistiu Dipper. Ele tirou uma lista de seu bolso e a desdobrou… e desdobrou… e desdobrou. Era tão longa que chegava até o chão. —

“Passo seis: conhecer um ao outro com gracejos.” Gracejo é como conversa, só que mais legal.

— Parece uma ideia boba pra quem é cabeça-oca — Mabel comentou.



— É, quer saber, não serão gracejos — disse Dipper, fazendo um gesto para Mabel. — Isso é o que eu quero *evitar* com a Wendy. O último passo é convidá-la para dançar. Em seguida, Dipper sorriu ao imaginar uma noite perfeita com Wendy:

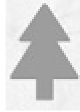


Wendy e Dipper estavam na pista de dança, dançando uma música lenta.

— Oh, Dipper! Eu tô tão feliz que você resolveu ficar na bilheteria comigo. Você é tão organizado! Mostra aquela lista de novo.

Dipper puxou a longa lista do bolso.

Wendy desmaiou de alegria, enquanto a fantasia de Dipper se dissipava.



— Se eu seguir os passos de um a onze — ele explicou —, nada vai me atrapalhar!

— Dipper, é você que está se atrapalhando — Mabel disse a ele. — Por que você não se aproxima e fala com ela como gente normal?

— Passo nove, maninha! — Dipper falou, triunfante, apontando para a lista: "PASSO NOVE: FALAR COMO UMA PESSOA NORMAL."

Mabel acenou a cabeça negativamente. Seu irmão era um caso perdido!

Os gêmeos desceram as escadas. Dipper se dirigiu para fora, à bilheteria, onde várias crianças estavam na fila para entrar. Dentro, Soos estava tocando músicas enquanto um globo espelhado fixado no teto girava, espalhando luz em volta de todo o salão. Stan usava seu melhor terno branco, ao estilo de discoteca, batendo seus pés no ritmo e cobrando uma taxa de saída para todos aqueles que queriam sair da festa.

Lá fora, na bilheteria, Dipper estava impaciente. Ele precisava botar seu plano em ação.

— Passo um: fazer gracejos — ele sussurrou para si mesmo. Ele se curvou para baixo da mesa em busca de olhar sua lista, e então, se sentou novamente e virou-se para Wendy.

— Então, aqui vai uma pergunta informal — sua voz falhou. — Qual é o seu tipo preferido de salgadinho?



— Nossa, não sei, não; não dá pra escolher só um — respondeu Wendy.

— Ah, essa não, o meu também! — Dipper desabafou.

Wendy pareceu confusa.

— Pera aí. O quê?

— Ahn, quer dizer, quer dizer… — Dipper tossiu com nervosismo e foi para baixo da mesa novamente. — Novo tema! Novo tema! — ele murmurou para si.

Dentro da festa, Mabel procurou por alguns possíveis novos amigos. Logo de cara, ela encontrou duas: uma garota com garfos entre os dedos da mão direita e outra com um lagarto grande empoleirado no ombro.

Mabel se aproximou delas.

— Uau! Você tem um animal no seu corpo! Eu sou a Mabel.

— Oi, eu sou a Grenda! — a garota com o lagarto disse, com uma voz grossa. — E esta aqui é a Candy.

— Por que tá com garfos colados nos dedos? — Mabel perguntou a Candy.

Candy sorriu e colocou a mão de garfos na tigela de pipoca, que Grenda segurava. Quando ela a retirou, havia uma pipoca em cada garfo.

— Melhoramento do ser humano — ela respondeu, rindo junto a Grenda.

Mabel abriu um grande sorriso.

— Achei minha turma — ela sussurrou.

Atrás de seu equipamento de DJ, Soos abaixou o volume da música.

Ele começou a ler em voz alta o seu livro:

— E não esqueça, gente, quem for o… arroz de festa? Ganha a coroa da festa! O mais aplaudido no fim da noite ganha.

Ele segurava uma coroa cheia de pedras, que reluzia debaixo das luzes da discoteca. As garotas ficaram boquiabertas de surpresa. Era linda!

Então, uma garota loira marchou até a mesa de DJ de Soos.

— Coroa de festa? Eu aceito sim, muito obrigada!

— Quem é essa? — Mabel perguntou a suas novas amigas.

— A garota mais popular da cidade. Pacífica Noroeste — Candy respondeu.

— Eu sempre me sinto mal comigo mesma perto dela — disse Grenda.

— Ahn, não posso te entregar a coroa — Soos falou à Pacífica. — É um lance de competição.

Pacífica sorriu com desdém e tirou o microfone dele.

— Francamente, quem vai concorrer contra *mim*? — ela perguntou e apontou para Candy e Grenda. — Garota dos garfos? Mulher com o lagarto? Rá!

As amigas de Pacífica riram com ela.

— Me abrace, Candy — Grenda abraçou sua amiga.

— Nossa *espécie* não é bem-vinda aqui — Candy falou tristemente.



Mabel tinha um olhar determinado no rosto. Ela marchou até Soos.

— Ei! Eu vou concorrer! — ela disse, e então se virou para Pacífica sorrindo. — Oi, eu sou a Mabel.

— Parece até o nome de uma velha gorducha — comentou Pacífica.

— Vou interpretar como um elogio — falou Mabel, ainda sorrindo.

Os olhos de Pacífica se cerraram.

— Que a melhor da festa ganhe.

— Muito prazer! — disse Mabel, acenando com empolgação, enquanto Pacífica saía dançando devagar para trás. Então, Mabel abaixou seu tom de voz: — Ela vai perder.

A plateia bateu palmas e comemorou, enquanto Mabel e Pacífica se preparavam para ver quem era a mais "festeira". Os aplausos ecoavam até lá fora, onde estavam Dipper e Wendy.

— Nossa, a festa tá bombando — observou Wendy. Ela ficou de pé e olhou pela janela. — Tenho que entrar lá. Me substitui?

— Hum, eu, aqui, é… — gaguejou Dipper. Não era para o plano ir por esse caminho.

— Valeu! — disse Wendy, e disparou para dentro. Em seguida, era possível vê-la dançando embaixo das luzes da discoteca.

Dipper não podia suportar. Era para ele estar lá, dançando com a Wendy! Na bilheteria, ele virou a placa de “ABERTO” para “FECHADO”.

— Não vou demorar — ele falou para as crianças na fila. Ele sentiu algo segurando-o pelo colarinho.

— Ei, o que vai fazer, garoto? — Tivô Stan vociferou, segurando Dipper a um metro do chão, balançando as pernas. — Esses otários não vão se explorar *sozinhos*. Você prometeu, já esqueceu?

Dipper suspira:

— É.

Stan o soltou e foi embora. Dipper olhou ansioso pela janela e viu o salão da festa, onde Wendy ainda estava dançando.

— Se eu pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo — ele falou, e um panfleto da festa se agitou perto dele, devido à brisa. Isso o fez se lembrar da copiadora.

Dois lugares ao mesmo tempo. Era isso! Ele virou a placa para “FECHADO” e, sorrateiramente, foi até o depósito antigo da Cabana do Mistério. Ele levantou a tampa da copiadora, subiu no vidro e pressionou o botão.

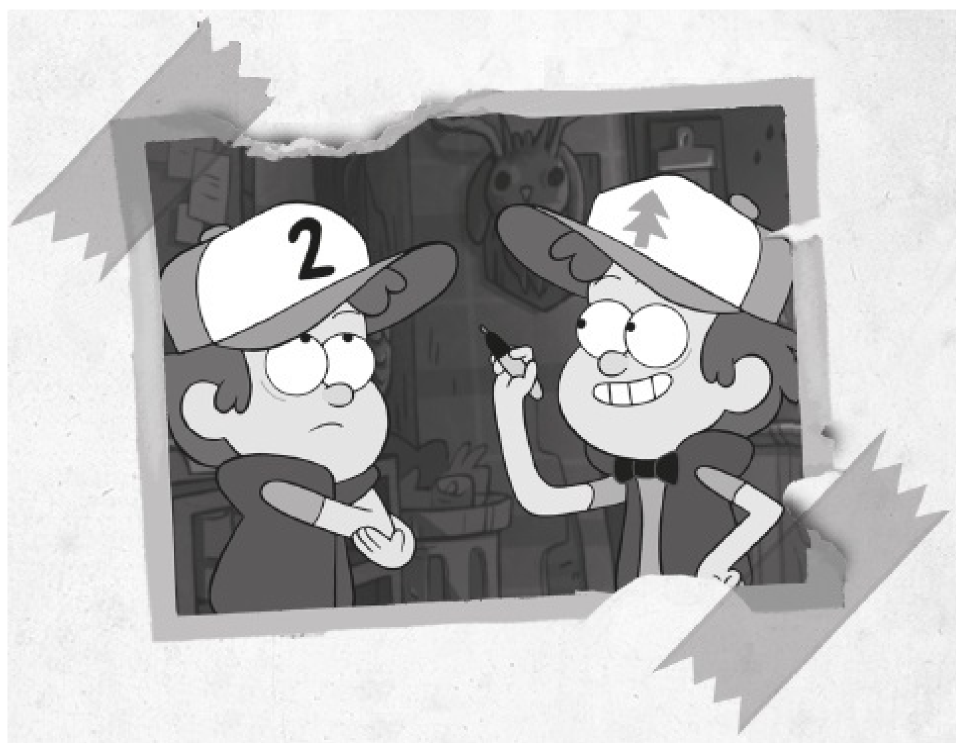
— Será que é uma boa ideia? — A copiadora soltou um zunido e a luz verde estranha começou a brilhar. A máquina escaneou seu corpo e, quando terminou, ele pulou dela e viu um pedaço de papel do tamanho de um Dipper sair da copiadora.

Parecia uma foto de Dipper deitado de bruços. Então, a cor da imagem começou a se transformar, tomou vida e saiu do chão. Aquilo se virou para encarar Dipper, que observava com fascínio o clone idêntico que havia criado. Era como olhar para um espelho em 3D.

— Rapaz! Como eu sou cabeçudo! — exclamou Dipper.



CAPÍTULO TRÊS



— ENTÃO, É… — ambos os Dippers falaram ao mesmo tempo. Depois, eles riram. — Desculpe, você primeiro. Para de ficar me imitando!

Dipper e seu clone riram de novo. A máquina havia feito uma cópia que não só se parecia igual ao Dipper, mas também pensava como ele. Por isso, o clone de Dipper estava falando exatamente tudo o que Dipper queria falar.

Dipper, então, pegou uma caneta preta e escreveu o número dois no boné do clone.

— Eu vou te chamar de Número Dois — anunciou Dipper.

— Não gostei, não. Sabe qual nome que eu sempre quis? — perguntou o clone.

É claro que Dipper sabia. Ele e o clone possuíam a mesma forma de pensar.

— Tyrone! — Dipper e seu clone falaram simultaneamente.

— Tá bom, Tyrone, vamos aos negócios — disse Dipper, se lembrando do porquê ele havia feito uma cópia de si mesmo, para início de conversa. — Eu tô pensando… Você fica na bilheteria enquanto eu convido a Wendy pra dançar.

Tyrone concordou:

— Eu conheço o plano!

Dipper franziu as sobrancelhas.

— Ei, a gente não vai ficar com ciúmes e brigar um com o outro como os clones do cinema, né?

— Dipper, se liga. Você está falando de *você* mesmo — disse Tyrone. — E, aliás, você sempre pode me desintegrar com água.

Dipper sorriu e exclamou “Yeah!”.

Então, Tyrone ficou na parte de fora para trabalhar na bilheteria, enquanto Dipper tranquilamente se aproximava de Wendy na pista de dança.

— Oi, Wendy! — ele disse. — Eu arranjei alguém pra ficar na bilheteria pra mim.

Wendy se virou para ele, sorrindo:

— Fantástico, pode ficar comigo e com o Robbie. Robbie, lembra do Dipper, da loja de conveniência?

Um adolescente alto olhou para eles. Seu cabelo preto pairava sobre seus olhos e ele também possuía uma guitarra presa nas costas por uma correia. Atrás dele, uma bicicleta prateada e vermelha estava apoiada na parede.

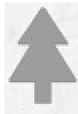
— Hum, não — respondeu Robbie, com uma voz entediada. Em seguida, ele retirou a guitarra do estojo e dedilhou algumas notas: — Ô, Wendy, olha só a minha guitarra nova.

Os olhos de Wendy brilharam.

— Uh, legal!

Dipper, horrorizado, engoliu em seco. Robbie *não* estava no plano! Dipper, então, começou a imaginar o que iria acontecer na

sequência, e uma fantasia repleta de ciúmes lhe veio à mente:



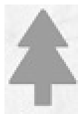
Wendy e Robbie estavam na pista de dança, dançando uma música lenta.

— Robbie, você é burro, arrogante e falso, mas me beija assim mesmo porque você sabe tocar guitarra! — disse Wendy. — Ah, espera, eu esqueci de uma coisa!

Wendy atravessou a pista e deu um soco em Dipper, bem no estômago.

Ela implorou para Robbie:

— Vamos nos casar hoje!



O celular de Dipper o despertou de sua fantasia. Era Tyrone.

— Aí, amigão, sou eu… você — ele disse. — Acabei de ter a mesma fantasia de ciúmes.

— Temos que nos livrar do Robbie se eu quiser dançar com a Wendy — falou Dipper.



— Ô, Dipper! A gente vai se sentar no sofá — avisou Wendy. — Vai lá quando você terminar. — Ela e Robbie saíram da pista de dança.

Dipper entrou em pânico:

— Cacilda! Eles vão se sentar no sofá! Temos que pensar em alguma coisa! — ele lamentou no celular. Em seguida, Dipper viu a bicicleta de Robbie e disparou: — Tive uma ideia.

— Eu tive a mesma ideia — disse Tyrone, olhando pela janela. — Mas vamos precisar de ajuda.

Minutos mais tarde, ambos estavam no velho depósito e um segundo clone saiu da copiadora.

— E é aí que você entra, Número Três — falou Dipper, depois de explicar o plano para o novo clone.

— Mas e se o Robbie me pegar? — perguntou Número Três. — Eu não quero ir sozinho nessa.

— É, essa é uma boa ideia — Dipper disse. — Quatro Dippers parece uma boa.

Ele subiu na copiadora mais uma vez e pressionou o botão. Uma fumaça negra saiu da máquina, que emitiu um zunido.

— Oh-oh! O papel prendeu — avisou Tyrone, indo até a bandeja. O papel que saía tinha a imagem de Dipper, porém estava todo amassado. Tyrone o colocou no chão e a imagem criou vida. Parecia uma versão mastigada de Dipper.

— *Nyahh aaah eeek pfft*! — guinchou o Dipper de Papel Amassado, pulando nos braços de Tyrone.

— Qual é, você não vai me juntar com essa coisa feia aí não, né? — Número Três perguntou a Tyrone.

— Shhh. Não seja malvado — sussurrou Tyrone, enquanto o Dipper de Papel Amassado guinchou e puxou o lábio inferior de Tyrone, como um macaco mal-educado.



Dipper suspirou.

— Tudo bem. Só mais um clone.

De volta à pista de dança, Mabel e Pacífica disputavam para ver quem era a mais festeira. Pacífica estava embaixo dos holofotes,

cantando uma música pop. A plateia aplaudia quando ela terminou a música com uma nota extremamente aguda.

— Eu também cantava assim — disse Grenda —, antes de a minha voz mudar.

— Pacífica na dianteira — anunciou Soos.

Pacífica entregou a Mabel o microfone.

— Tenta superar isso — ela intimidou. — Ah, e Grenda, por falar nisso, você tem voz de lutadora profissional.

Pacífica saiu andando e rindo, enquanto Grenda fechava os punhos.

— Eu quero dar uma chave de braço nela e fazer ela sentir dor! — ela resmungou.

— Só acaba quando termina, manas — prometeu Mabel a Candy e Grenda. — Vejam isso. Soos, toque a música mais oitentista, que anime a galera e que seja uma balada de rock! Soos apertou alguns botões e o som de uma balada de rock dos anos 1980 saiu dos alto-falantes. Mabel subiu no palco e começou a cantar.

— *Nunca desacredite! Nunca não sinta seus sentimentos!*

A plateia vibrou com a música e Mabel finalizou sua performance com um salto mortal — mas caiu de cara no chão.



— Foi pra vocês, pessoal! — ela gritou e todos berraram e comemoraram.

Naquele momento, Dipper foi na direção de Soos e sussurrou algo em seu ouvido. Soos fez um movimento afirmativo com a cabeça e falou ao microfone:

— Gente, o dono de uma bicicleta prata e vermelha se apresente lá fora. Tá sendo roubada neste momento.

— Peraí, o quê? — perguntou Robbie, que olhou para fora da janela e viu as costas de dois garotos fugindo com a sua bicicleta.

Mal sabia ele que eram os clones de Dipper!

— Ei, voltem aqui! — Robbie gritou, correndo para fora.

— Ah, que azar — Dipper comentou com Wendy, rindo compulsivamente. — Quem será que são esses caras, que não sou eu, porque eu tô aqui bem do seu lado?

— E agora vamos abaixar o volume um minuto — Soos apertou outros botões. — Minas e manos, tá na hora.

Um ritmo lento inundou o salão.

— Legal, adoro essa música! — Wendy disse a Dipper.

Mabel correu até o seu irmão.

— Ei, pateta, é a sua chance de convidar a Wendy pra dançar! Vai logo, anda! — ela sussurrou, empurrando-o.

Dipper tirou a lista do bolso e a observou. Então, olhou para Wendy, que ainda estava sentada no sofá, balançando-se no ritmo da música. Tudo o que ele tinha que fazer era falar e convidá-la.

— Eu, é… — ele gaguejou, sentindo-se repentinamente suado. — Eu já volto.

Ele correu até seu quarto, onde estava Tyrone, esperando por ele.

— Ah, eu concordo, não pode ir lá e dançar com ela! — Tyrone disse.

— O salão de baile é um campo minado. Um campo minado, Tyrone! — lamentou Dipper.

— E se o sistema de som falhar? — perguntou Tyrone.

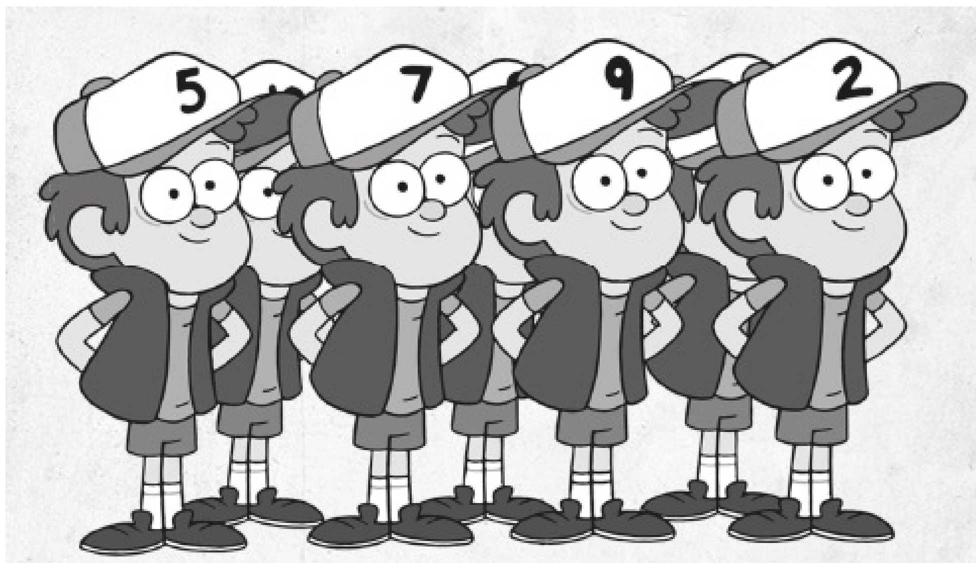
— O Stan pode aparecer — Dipper falou.

— O Robbie pode voltar — Tyrone adicionou.

— São muitas variáveis — Dipper disse, olhando para seu clone nos olhos. Ambos estavam pensando a mesma coisa.

— Precisamos de ajuda!

CAPÍTULO QUATRO



A COPIADORA EMITIU UM ZUNIDO e irradiou uma luz verde enquanto Dipper fazia mais cinco cópias de si! Todos os onze Dippers foram para o seu quarto e imediatamente começaram a bolar um novo Plano Wendy. (Bem, talvez nem todos os dez clones tenham contribuído com o plano. Dipper de Papel Amassado, na maior parte do tempo, babou e balbuciou alguns barulhos.) Empolgados, eles conversaram e escreveram uma nova lista de passos que Dipper deveria seguir.

— Meus Dippers! Se aproximem! — o Dipper verdadeiro finalmente gritou, e nove de seus clones se alinharam de maneira organizada à sua frente. — Chegou a hora! Já sabem o que fazer?

Todos eles concordaram e desceram as escadas para colocar o plano em ação.

Primeiro, Número Dez distraiu Soos com uma caneta laser.

— Ei, Soos, olha! Um ponto brilhante! — Número Dez disse, com uma voz surpresa, apontando para a parede atrás de Soos. Em seguida, ele projetou um ponto de luz verde na parede e o moveu para cima e para baixo.

— Nossa, cara! Ainda bem que eu me virei — Soos falou. — Esse ponto não decepciona. — Ele tentou pegar a luz verde em movimento com suas mãos, como se fosse um vaga-lume.

Enquanto Soos estava de costas, Número Dez colocou um disco especial, com a etiqueta "WENDY MIX", no tocador de CD. Número Cinco posicionou uma tela colorida no holofote que estava virado para a pista de dança, lançando uma romântica luz cor-de-rosa em todo o ambiente. Número Sete abaixou as cortinas da janela. E Número Oito sacudiu um dólar na frente de Stan, com a ajuda de uma vara de pesca.

— Tá certo, até parece que eu caio nessa — Stan falou, e então, ele se arremessou na direção da nota. — Me dá esse dinheiro aí! — ele gritou, perseguindo a nota até lá fora.

Um sino tocou no quarto de Dipper, sinalizando que a barra estava limpa.

— É a sua deixa — Tyrone disse. — O momento perfeito para chamar a Wendy pra dançar. Boa sorte pra mim!

— Não preciso de sorte, eu tenho um plano! — Dipper falou com confiança, dando batidinhas na lista dobrada em seu bolso. Ele desceu as escadas até o salão… e soltou um grito! Wendy estava no corredor, e não na pista de dança, como ela deveria estar. Isso não estava de acordo com o plano.

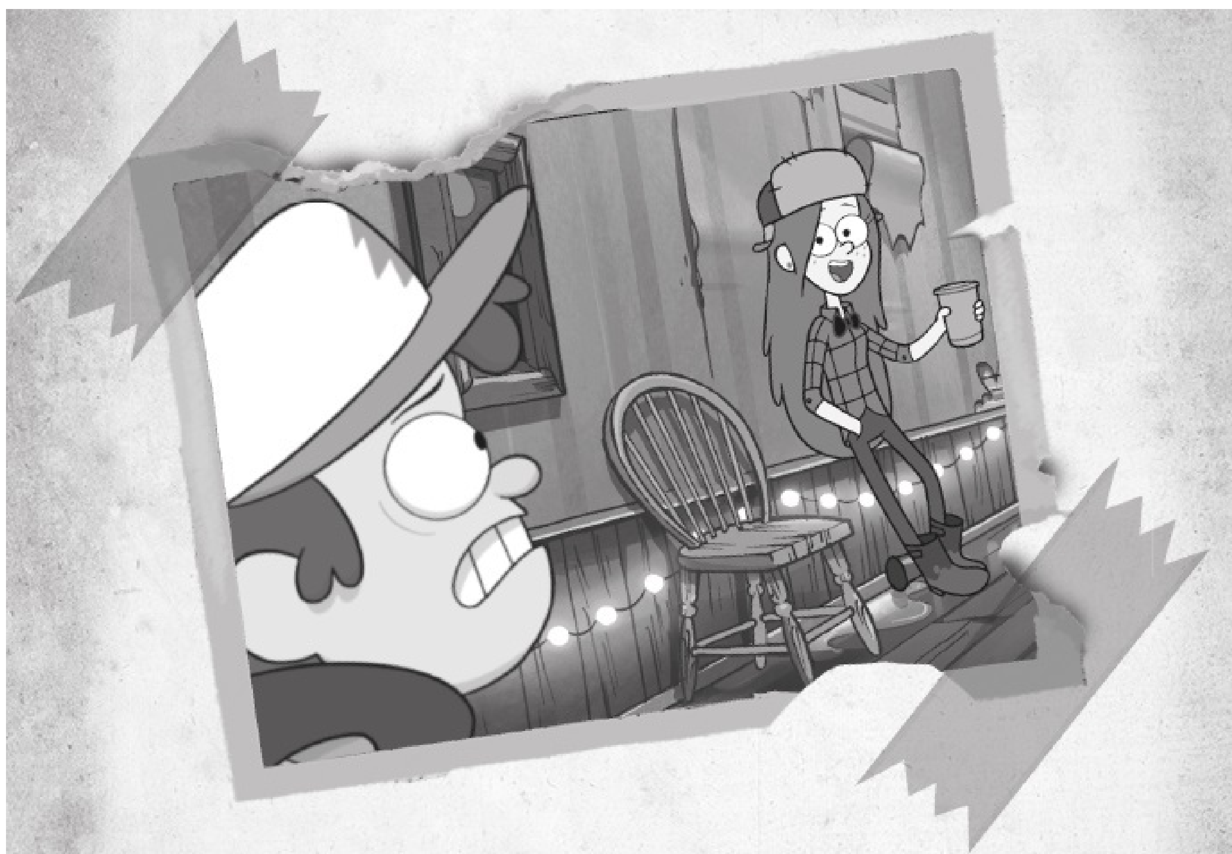
— E aí, cara. Beleza? — Wendy perguntou.

— O-o que você tá fazendo aqui? — Dipper perguntou. — Quer dizer, você não prefere estar no salão de baile em tipo, quarenta e dois segundos?

— Tô na fila do banheiro — Wendy explicou.

Rapidamente Dipper deu as costas a ela e consultou sua lista.

— Hum, tá bom. Tagarela, tagarela — ele murmurou para si mesmo, começando a suar.



— Escuta, digamos que todos nesta festa vão parar em uma ilha deserta. Quem você acha que seria o líder? — Wendy perguntou a ele.

Era uma ótima pergunta e Dipper sabia. Mas ele estava nervoso demais para respondê-la.

— Eu, ahm… ahm…

— Eu fico com aquele lunático ali — Wendy disse, apontando para a pista de dança, onde um homem baixinho fazia movimentos intensos de caratê ao som da música.

Dipper riu e escondeu sua lista.

— Acho que ficaria com alguém bem alto. — Ele apontou para um homem muito alto e muito magro. — Porque… pessoas altas conseguem alcançar os cocos?

Wendy riu.

— Por falar em alto, quer ver uma coisa? — Ela tirou a carteira e mostrou a ele uma foto de três garotos. Ela cobriu a última pessoa na foto com o dedo. — São meus três irmãos e eu… *boop*! — Ela levantou o dedo da foto, revelando uma garota superalta,

supermagra, com cabelo preso em marias-chiquinhas e aparelhos nos dentes. A garota se destacava pela altura no meio dos meninos. Era Wendy!

— Caramba! Que feia! — Dipper desabafou e então, rapidamente colocou a mão sobre a boca. Mas Wendy não se sentiu insultada.

— É — ela disse, concordando.

— Sabe, sempre zoavam meu sinal de nascença, até eu esconder ele — falou Dipper.

— Que sinal? — Wendy pergunta a ele.

— Não, não é nada — Dipper responde, nervoso. — É que e Ai, por que fui falar disso? — ele murmurou para si.

— Ah, não, cara! — Wendy falou, seus olhos estavam brilhan — Agora vai ter que mostrar. Mostra! Mostra!

Dipper respirou fundo e tirou o boné, levantando seu cab da testa. Havia uma marca de nascença que se parecia com a

— A Ursa Maior! — Wendy exclamou, surpresa com o padrão de pontos e linhas que se pareciam igual à constelação. — Agora entendo por que pegam no seu pé. Eu pensava que eles te odiavam, sei lá. — Ela sorriu. — Ei, nós dois sofremos bullying!

Ela entregou a Dipper um copo de refrigerante e eles brindaram. Em seguida, a porta do banheiro se abriu e Pacífica saiu pisando forte.

— Espera aqui? — Wendy perguntou a Dipper.



— É claro! — Dipper respondeu, enquanto Wendy entrava no banheiro.

Dipper, então, escutou passos atrás de si e, ao se virar, viu Tyrone, no corredor, liderando a maior parte dos clones.

— Ei! O que está fazendo aqui? — perguntou Tyrone. — O Número Dez está distraindo o Soos há quinze minutos. Ele vai acabar se cansando daquele ponto.

— Nunca! — Soos gritou da sua mesa de DJ.

— Não vão acreditar, gente! — Dipper disse, emocionado. — Eu esbarrei na Wendy por acaso e as coisas estão indo muito bem.

— Ah, que ótimo — Tyrone falou —, mas esse não é o plano! Temos que lembrar você?

Os clones começaram a ler suas listas simultaneamente.

— Continue com o plano!

— Não vamos nos arriscar!

— Ah, não, vocês parecem malucos! — Dipper concluiu. — Olha, eu acho que a gente não precisa mais do plano, entendem? Eu

posso ir lá e falar com ela como uma pessoa normal!
Número Nove se surpreendeu.
— O quê? — Número Oito perguntou.
— Engula suas palavras! — Número Sete gritou.
— Se não vai obedecer ao plano, talvez não seja *você* o Dipper a dançar com a Wendy — Número Cinco disse.
Os outros clones concordaram:
— Cinco. Número Cinco tem razão.
— Gente, qual é?! — Dipper indagou. — Falamos que não íamos brigar entre a gente.
— Todos nós sabíamos que estávamos mentindo — Tyrone concluiu, com uma expressão malvada no rosto.
Todos os clones se reuniram em volta de Dipper, encurralando-o. Depois, eles o pegaram pelas pernas e o arrastaram pelo corredor.
— Aaaaaaaaah! — Dipper gritou.

CAPÍTULO CINCO



DIPPER EMPURROU A PORTA do armário de bugigangas o mais forte que pôde. Contudo, os clones o prenderam ali, e ele não conseguiu fazer a porta ceder.

— Gente, pera aí! — ele gritou, em pânico. — Tenho claustrofobia!

— Não tem, não! — Tyrone disse, do outro lado da porta. — Aliás, tem salgadinhos e um livro de colorir aí pra você.

Dipper resmungou, frustrado, e então pegou o pacote de biscoitos de água e sal e um patê de queijo. Os outros Dippers definitivamente

o conheciam bem.

No corredor, Tyrone falava com os demais clones:

— Tá legal, agora que o Dipper original ou "Dipper Clássico" não serve mais, elejo a mim mesmo para dançar com a Wendy, porque nasci primeiro, então, deve ser eu, certo? Quer dizer, logicamente, gente. Logicamente.

— É justo, é justo — o Número Dez concordou. — Mas se é por aí, talvez eu deva dançar com a Wendy porque eu estou aqui há menos tempo.

— Isso faz, tipo, zero sentido — o Número Cinco rebateu.

Número Dez se virou para ele, irritado.

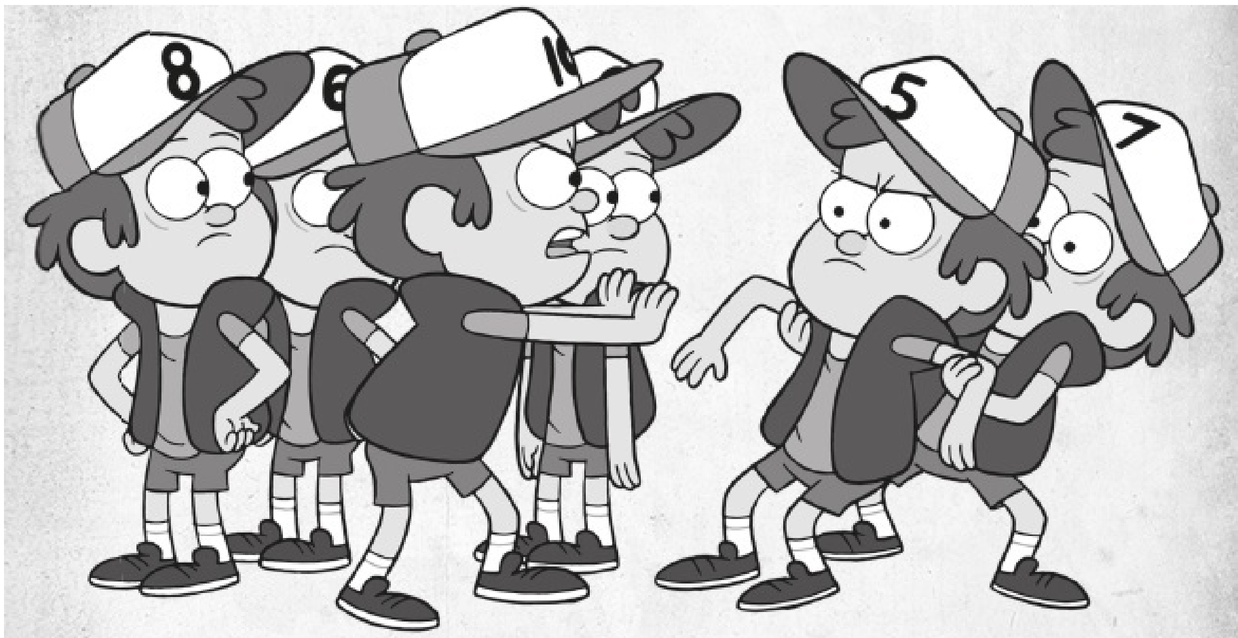
— Você faz zero sentido! — ele gritou, empurrando-o.

Número Cinco o empurrou de volta.

— Que isso, cara!

— Para de empurrar os outros! — Número Seis exclamou.

— *Blaaarf!* — complementou o Dipper de Papel Amassado.



Tyrone se aproximou dele, segurando um pacote de aperitivos.

— Ei, quer um biscoitinho com queijo, feioso?

— *Aiiiieeeek!* — respondeu o clone mastigado.

Tyrone tentou enfiar um biscoito água e sal na boca do Dipper de Papel Amassado, mas o biscoito caiu no chão.

— Eca, que nojo.

De repente, Tyrone percebeu algo.

— Ei, gente, o que vocês fariam se estivessem presos em um armário?

— Eu ia fugir! — responderam os outros clones ao mesmo tempo. Em seguida, todos se viraram. Dipper havia escapado!

Dipper correu e desceu as escadas o mais rápido que pôde. Ele chegou até a parte superior, de onde era possível enxergar a pista de dança.

— Wen…! — ele gritou, mas Tyrone colocou a mão sobre a boca de Dipper e o arrastou para longe do parapeito.

— Qual é, cara, desiste — disse Tyrone. — Tá em desvantagem.

— Pera aí, galera — pediu Dipper. — Vamos pensar um pouco! Nós somos idênticos, mental e fisicamente. Se a gente brigar, vai durar pra sempre, sei lá!

Tyrone concordou.

— Faz sentido quando você para pra pensar nisso.

Os clones se puseram a conversar. O que Dipper havia falado fazia sentido.

— Talvez devêssemos desistir — contribuiu Número Nove.

Então, Dipper deu um soco no rosto de Tyrone.

— Briga de clones! — berrou Número Cinco.

Os clones se viraram uns contra os outros, batendo e chutando.

Número Cinco estapeou o rosto de Dipper várias vezes.

— Tô batendo em mim mesmo! Tô batendo em mim mesmo! — provocou Número Cinco.

Então Número Seis chegou voando do nada e o derrubou. Havia clones brigando à esquerda e clones brigando à direita, estapeando uns aos outros no estômago e torcendo seus braços.

Dipper se valeu do caos e lentamente foi embora. Número Dez o viu.

— Ei, o Dipper Clássico tá escapando! — ele gritou.

Mas Dipper tinha um plano. Ele havia colado um número “7” com fita na frente de seu boné.

— Não, galera, eu sou o Número Sete, só isso — ele diz, apontando para o boné.

— Não sou eu, não, galera. Não sou eu, não! — disse o Número Sete e, logo em seguida, o “7” descolou do boné de Dipper.

— Pega ele! — gritou Número Cinco.

— Pra trás! Pra trás! — Dipper avisou.

Ele puxou a única arma que havia em seu bolso — um lança-confetes.

Poof! Ele puxou a corda e confetes caíram. O que foi bem sem graça — exceto pelo fato de a fumaça do lança-confetes ter alcançado os alarmes de incêndio no teto. Começou a chover em cima dos oito clones, derretendo-os.

— Bom. Este é o fim dos clones — Dipper murmurou, enquanto os alarmes desligavam. Ele, então, escutou uma voz familiar atrás dele, e se virou.

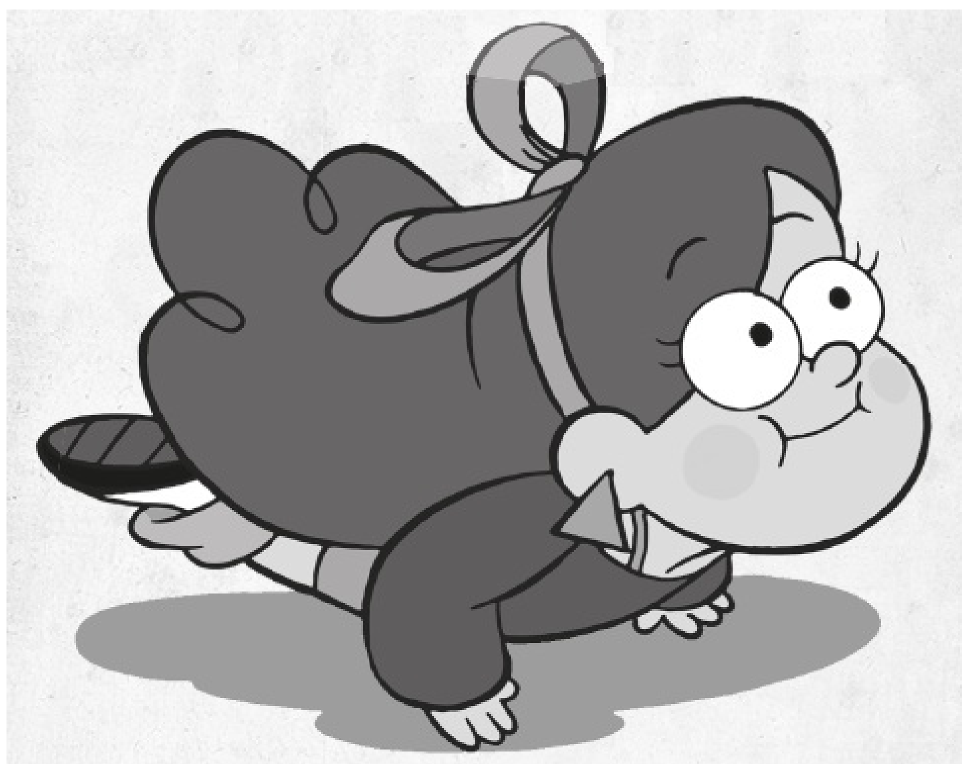
Era Tyrone, que apontava para ele em um tom acusatório:

— Você!

— Oh-oh — Dipper disse.



CAPÍTULO SEIS



DE VOLTA À PISTA DE DANÇA, o concurso para ver quem era a mais festeira estava a todo vapor. Mabel fez o Movimento da Minhoca, enquanto a plateia se reunia à sua volta, batendo palmas e torcendo.

— Mais uma música, manos — Soos anunciou. — E aí, tá na hora de entregar a coroa da festa. E vai…

Ele apertou um botão e o som de uma bomba explodindo reverberou pelo salão. Soos sorriu:

— Consegui!

Mabel se aproximou de Pacífica.

— Pacífica, eu só queria dizer que ganhe quem ganhar, foi uma festa superlegal. — Ela estendeu a mão para Pacífica.

Pacífica não a cumprimentou.

— Ah, tá. Isso aqui acha que vai vencer — ela disse, com um tom de voz maldoso. Depois, colocou a mão ao redor das orelhas. — Ei, você ouviu isso? Gente aplaudindo as esquisitas? É, nem eu.

Ela saiu andando, mas Mabel ainda mantinha o sorriso no rosto, pois estava se divertindo — e não seria Pacífica quem arruinaria isso!

Lá em cima, Tyrone havia prendido Dipper em uma chave de braço.

— Diga! Diga que posso dançar com a Wendy! — Tyrone disse.

— Nunca! — Dipper resmungou, se libertando e colocando Tyrone em uma chave de braço.

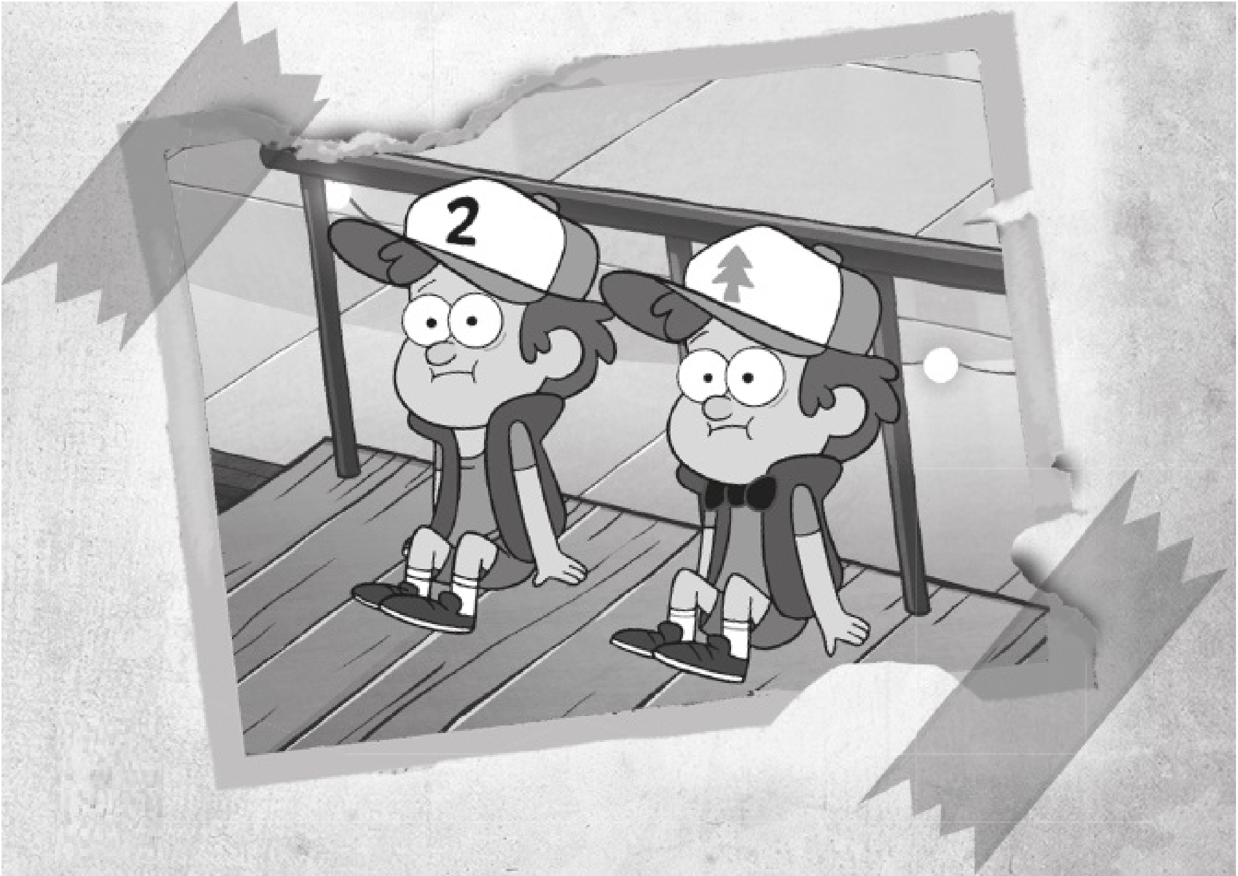
Entretanto, os dois garotos congelaram ao escutar a risada de Wendy ecoando pela pista de dança.

— Wendy? — eles perguntaram ao mesmo tempo e ambos foram ao parapeito para investigar.

Robbie havia retornado! Ele e Wendy estavam escondidos em um canto, conversando e rindo. Dipper e Tyrone suspiraram.

— Estragamos tudo! — disseram juntos, afundando-se, derrotados, no chão.

— E aí, tá a fim de ir lá pegar um refrigerante, sei lá? — Tyrone perguntou.



Conforme os dois garotos se dirigiam para o salão, Soos estava lá embaixo preparando a plateia na pista de dança. Ele estava no palco, entre Mabel e Pacífica.

— Que a votação da coroa da festa comece! — ele anunciou.

— Boa sorte, Mabel — disse Pacífica, observando atrás da barriga de Soos. Em seguida, seus olhos se cerraram. Ela claramente não desejava isso a Mabel.

— Aplaudam para votar em Mabel! — Soos gritou.

Muitas pessoas aplaudiram, incluindo Stan e as amigas novas de Mabel, Candy e Grenda.

— Isso aí! Vai Mabel! — Grenda esbravejou.

— Vamos consultar o palmômetro — disse Soos, levantando o braço direito como se fosse o ponteiro de uma máquina que mede os aplausos. Seu braço se mantinha fixo no ar: — Razoável!

Mabel sorriu.

— E a próxima concorrente: Pacífica! — Soos anunciou.

No início, somente as amigas de Pacífica aplaudiram. Depois, Pacífica lançou um olhar intimidador a todas as outras crianças e elas começaram a aplaudir também, nervosas. O braço esquerdo de Soos foi para cima, subiu — e parou, fixo, no ar, igual ao seu braço direito.



— Oh-oh. Empate? Isso nunca aconteceu antes — disse Soos.

Pacífica franziu as sobrancelhas. Ela não estava acostumada a perder ou a empatar — só a ganhar. Mas ela teve uma ideia. Foi até o Velho McGucket, que estava cochilando em algumas cadeiras. Ela sacudiu um dólar na frente dele. Ao sentir o cheiro no ar, ele acordou e pegou a nota. Em seguida, passou a aplaudir com alegria.

O braço esquerdo de Soos começou a se mover. Os aplausos deixaram Pacífica em primeiro lugar!

— Minas e manos, nós temos uma vencedora — disse Soos, entristecido. — Quem ganhou o concurso foi Pacífica Noroeste.

Soos entregou a coroa a Pacífica, que a colocou na cabeça.

— Obrigada a todo mundo! — ela agradeceu, radiante, à plateia. — Vamos todos continuar esta festa no iate dos meus pais! Uhuull!

Um grupo de crianças da plateia pegou e levantou Pacífica. Eles saíram da Cabana do Mistério, cantando em coro:

— Pacífica! Pacífica! Pacífica!

Mabel estava triste.

— Desculpem. Decepcionei vocês — ela falou a Candy e Grenda, que haviam ficado para trás. — Eu compreendo se quiserem sair.

— Mas aí não teria uma festa do pijama — Candy comentou com um grande sorriso.

Mabel estava confusa.

— Uma *o quê*?

— Vamos ligar para as nossas mães e pedir pra passar a noite aqui com você. Você é tipo uma estrela do rock! — disse Grenda.

Candy tirou a última edição de *Meninos Geniais* da sua mochila.

— Eu tenho revista de rapazes!

O rosto de Mabel se iluminou.

— É mesmo? Ai, vocês!

— Talvez a gente não tenha tantos amigos quanto Pacífica, mas temos umas às outras — falou Candy —, e isso é muito bom, eu acho.

— Soos! — Mabel chamou. — Toque mais uma música. A festa dura a noite inteira!

— O disco tá na mão! Curte aí! — Soos respondeu, colocando outro disco na vitrola. A música iniciou e Mabel e as suas novas amigas começaram a dançar.

Dipper e seu clone não estavam muito no clima para dançar. Eles se sentaram no telhado, admirando as estrelas. Os dois abriram uma lata de Pitt Cola cada.

— Você acha que temos alguma chance com a Wendy? — Dipper perguntou a Tyrone. — Tipo, ela tem quinze e a gente tem doze…

— Não sei, cara — Tyrone respondeu. — Espero que sim, mas a gente tá fazendo zero progresso do jeito que a gente tá. A única conversa boa que a gente teve com ela foi quando você não fez nada que tava na lista.

Dipper concorda.

— Eu sei, cara. A Mabel tava certa. Eu consigo à minha maneira.

— Literalmente! — eles disseram, em uníssono.

Os dois garotos fizeram um brinde com as latas e cada um tomou um gole. Em seguida, um olhar de terror invadiu o rosto de Tyrone.

— Oh, cara! Acho melhor você não olhar — ele disse, encarando seu estômago, que estava começando a se desfazer num buraco. O refrigerante estava dissolvendo ele por dentro!

— Tyrone! — gritou Dipper.

— Tudo bem, cara, foi bem legal — alegou Tyrone, enquanto derretia. — Não esqueça do que conversamos!

— Ahm, mas é claro! — respondeu Dipper.

O corpo de Tyrone havia se tornado uma poça. Somente sua cabeça ficou.

— Ah, e pare de bancar o bobo perto da Wendy — ele pediu, conforme sua cabeça se dissolvia. — Eu tô pedindo! — E com essa fala, Tyrone desapareceu.



Dipper caiu de joelhos no chão.

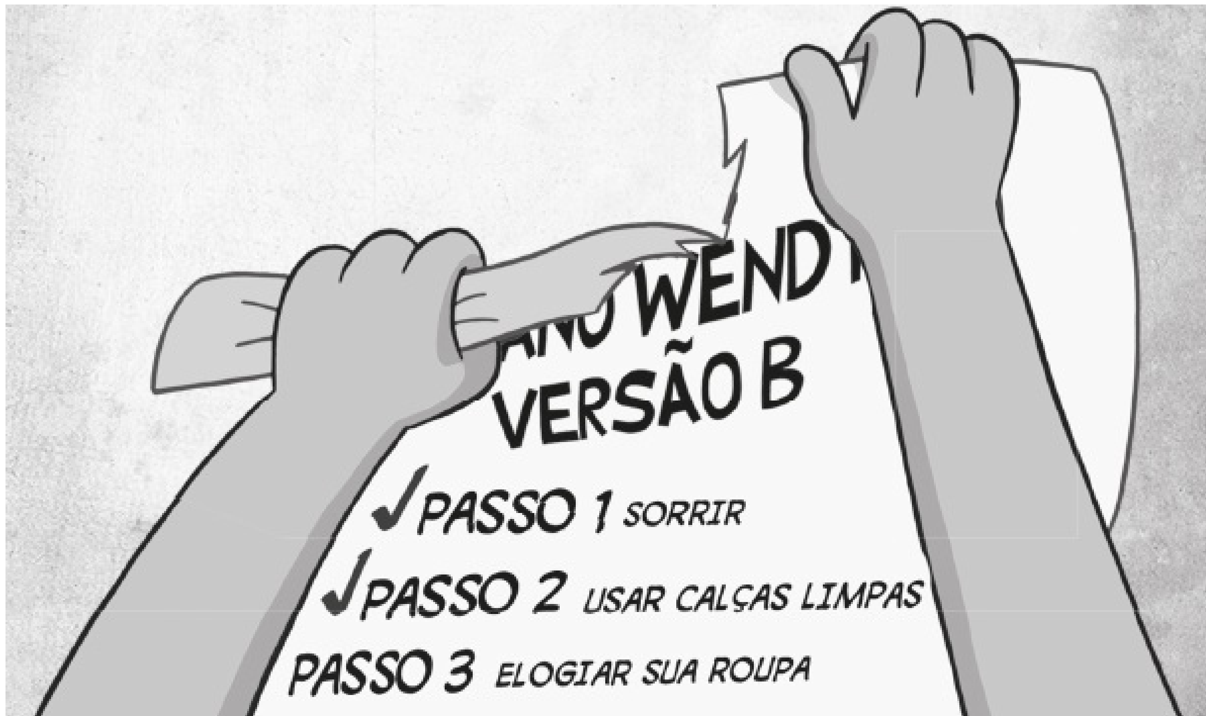
— Tyrone! Você foi o único que me entendeu.

Com um suspiro, Dipper desceu do telhado. Ele olhou pela janela da Cabana do Mistério. Mabel e duas garotas estavam dançando, e Wendy estava apoiada na parede, balançando sua cabeça no ritmo da música.

Dipper tirou sua lista do bolso. Se ele seguisse o plano, talvez conseguisse…

Rrrrrrrrrip! Ele rasgou a lista ao meio e entrou na Cabana.

Ele declarou que, a partir daquele momento, não haveria mais planos para tentar impressionar Wendy. Seria somente o Dipper — o Dipper original — sendo ele mesmo.





PARTE DOIS

CAPÍTULO UM



STAN ESTAVA SEMPRE buscando novas formas de conseguir dinheiro. Um dia, ele testou um dos seus novos planos em um grupo de visitantes que haviam acabado de fazer um tour pela Cabana.

— E na última ilusão desta noite, temos o incrível Saco do Mistério! — Stan balançou um saco velho de batatas na frente deles. — Você põe o seu dinheiro dentro do saco e ele desaparece misteriosamente!

Os turistas, felizes, obedeceram.

— Sim, claro! — disse um homem.

— Isso até que faz sentido, hein? — completou outro, enquanto jogava algumas notas no saco.

Stan abriu um grande sorriso. Esse novo plano estava funcionando melhor do que ele esperava.

Dentro da Cabana, Dipper, Mabel e Soos estavam assistindo ao seu programa de TV favorito, *Punho de Tigre*, sobre um tigre que possui um braço humano.

— Isso! Legal! — Mabel comemorou.

Então, um comercial apareceu na TV. Ele iniciou com um par de mãos que soltavam pombas no céu.

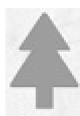
— Você está totalmente infeliz? — uma voz com sotaque sulista pergunta. — Então, precisa conhecer… Gideão!

O contorno de uma pessoa com um grande sinal de interrogação dentro apareceu na tela.

— Gideão — uma voz gentil sussurrou na TV.



Mabel se perguntou em voz alta:
— Por que ele é tão especial?
— Ele é vidente! — respondeu o narrador. — Não perca o seu tempo com outro. O pretenso “Homem do Mistério” é uma fraude.
A imagem seguinte mostrou Stan, em samba-canção, saindo de uma latrina com papel higiênico preso em sua pantufa. A palavra “FRAUDE” em letras garrafais estava estampada em cima dele.
— Descubra o seu amanhã, hoje! — o narrador disse, conforme aparecia a imagem de uma tenda. — Na Tenda da Telepatia do Gideão!
— Puxa, eu tô ficando muito curiosa! — Mabel disse.
Stan entrou, pisando forte.
— Mas não fique curiosa demais — ele resmungou. — Desde que esse monstro, o Gideão, chegou à cidade eu só tenho tido problemas.
Não era só o comercial que o incomodava. Gideão dirigia um trailer luxuoso pela cidade, afastando grupos de pessoas da Cabana do Mistério — e, claro, acabando com os lucros de Stan.
— Ele é vidente mesmo? — perguntou Mabel.
— Temos que ir descobrir — replicou Dipper.
— Nunca! — Stan resmungou. — Estão proibidos de patrocinar a concorrência! Não permito que quem vive sob meu teto entre embaixo do teto desse Gideão!
Dipper olhou para Mabel.
— E tendas têm teto?
Mabel sorriu.
— Acho que vamos enforcar essa ordem. — Em seguida, ela tirou uma linha com um laço em uma ponta. — Literalmente! *Uah! Uah!* — ela disse, contente com a própria piada sem graça.
— Então venham logo, amigos — soltou o narrador em voz onisciente. — Gideão está esperando vocês.



Naquela noite, Dipper, Mabel e Soos encontraram uma maneira de chegar até a tenda de Gideão. No topo da tenda, havia o símbolo

misterioso de uma estrela com um olho bem no meio. Pessoas curiosas entraram em fila e, ao lado da entrada, havia um homem de camisa havaiana e chapéu de palha segurando um saco com o mesmo símbolo de estrela. Em seu crachá havia o nome “BUDDY”.

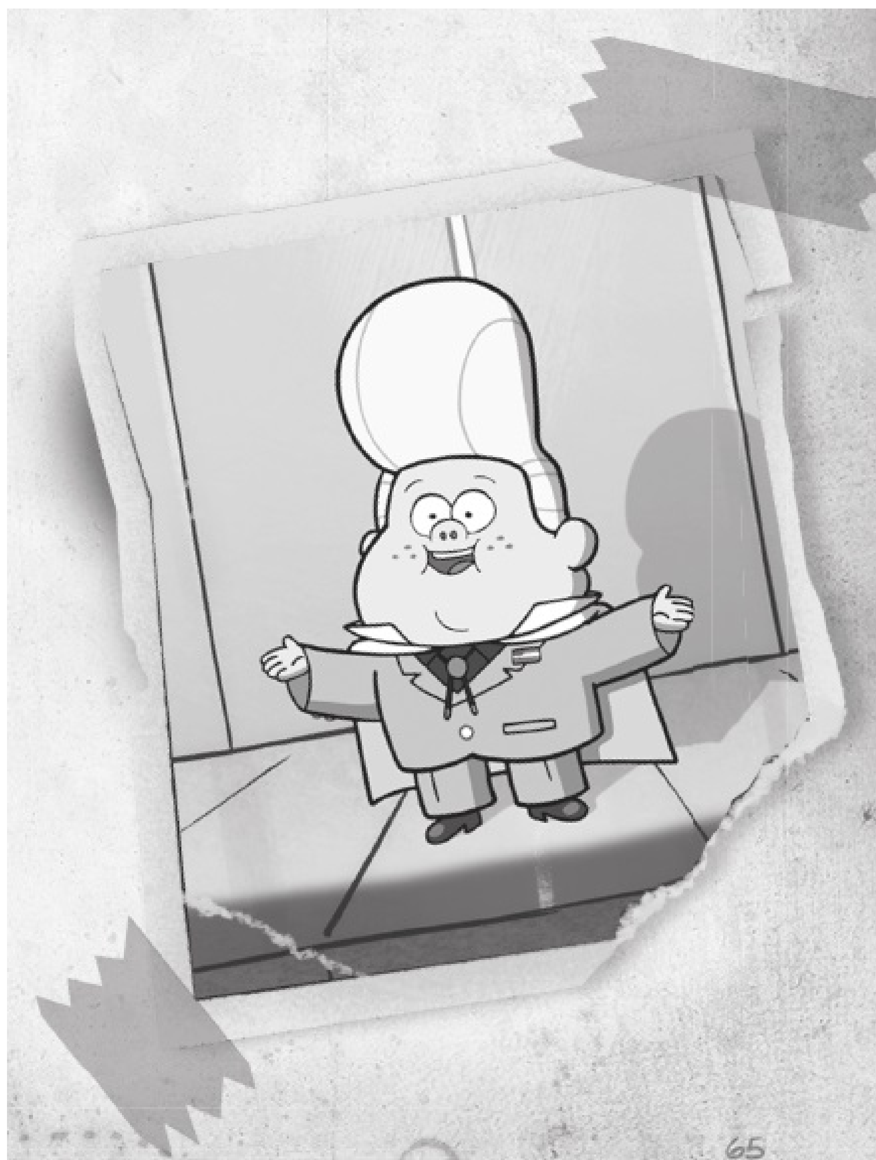
— Aproximem-se, amigos! — ele falou, com o mesmo sotaque sulista do narrador do comercial. — Ponham seu dinheiro no saco do vidente Gideão! Só dez centavinhos.

Dipper, Mabel e Soos se sentaram em um dos bancos de madeira dentro da tenda. Mabel mastigava pipocas barulhentas. Em seguida, as luzes da tenda diminuíram e a plateia ficou em silêncio.

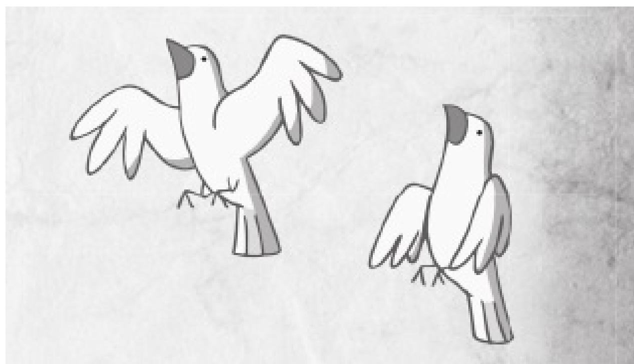
— Tá começando! Tá começando! — Mabel exclamou, emocionada.

— Vamos ver qual é a cara desse monstro — disse Dipper.

As cortinas do palco de madeira bamba abriram na frente deles — e revelaram um garoto baixinho, com um grande topete branco. Suas bochechas gordinhas eram cheias de sardas e ele vestia um terno azul-claro e uma capa com o símbolo do olho. Uma pedra verde reluzia no broche que estava abaixo de seu pescoço.



— Olá, amigos. Meu nome é Gideãozinho! — ele anuncia em meio à animação da plateia. Ele batia palmas e pombas voavam de seu cabelo.



— *Este* é o maior inimigo do Stan? — Dipper questionou.

— É tão… pequeno! — complementou Mabel.

— Senhoras e senhores, é uma verdadeira bênção ter vocês aqui esta noite — Gideão disse, calmamente. — Uma bênção! — Ele juntou as mãos. — Eu tive uma visão. Predigo que vocês logo vão dizer “Ooown”.

Ele deu uma volta e depois se virou, com os olhos bem abertos e o rosto fofinho, como um filhote de gato.

— Oooooown! — disse a plateia.

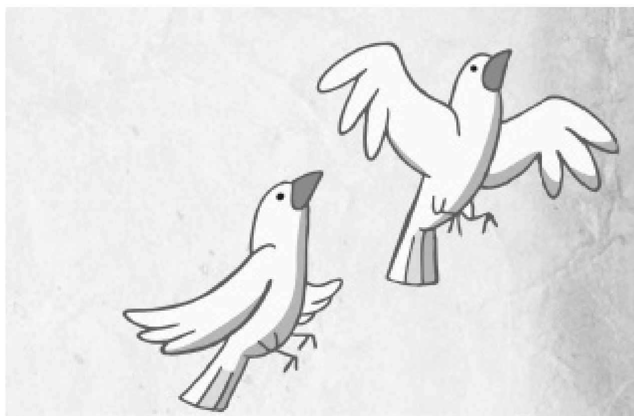
Mabel arregalou os olhos.

— Se realizou!

Dipper encolheu os ombros.

— O quê? Não me impressionou.

— Impressionou! — insistiu Mabel.



— Toca, pai! — Gideão pediu e o homem com o chapéu de palha começou a tocar teclado. Gideão começou a cantar:

Eu posso ver
O que ninguém pode ver!
Parece um show de circo,
Mas eu vejo e glorifico.
Se querem a paz,
Sou aquele que é capaz,
Veriam assim um pouquinho
Com um pouco de euzinho!

Gideão fez um aceno com as mãos.

— Quero que todos se levantem! Quero todos batendo palmas!

Todos se levantaram — até mesmo Dipper, que não tinha qualquer intenção de se levantar.

— Quê? Como assim? — indagou Dipper.

— Batendo palmas! — gritou Gideão. Ele apontou para uma senhora. Havia dois gatos em seu colo.

— *Ouça seu filho a te chamar* — ele entoou.

Ela fechou os punhos.

— Eu vou deixar tudo pros meus gatos!

Um gato miou alto, como se concordasse com ela.

— *Sinto que aqui é o seu lugar!* — Ele apontou para o Xerife Blubs.

O xerife olhou para baixo, seus braços estavam cheios de souvenirs do Gideão.

— Como foi que descobriu?

Então, Gideão cantou para Mabel, que estava usando um suéter escrito “MABEL”, nas cores do arco-íris.

E esse é meu papel.
É isso aí, seu nome é Mabel!

Mabel se surpreendeu.

— Como ele faz isso?

Gideão subiu de volta ao palco.

— *Bem-vindos assiiim, à Tenda da Telepatia. Muito obrigado, vocês…* — Ele piscou. — *Cheguem pra mim!*

Chamas azuis surgiram nas laterais, e uma placa de neon resplandecente escrito “GIDEÃO” desceu do teto.

Gideão, ofegante, suspirou e tirou uma garrafa de água. Ele tomou um gole.

— Oh, minha nossa! Obrigadooooo! Vocês são os verdadeiros milagres!

—Uhull!! É!! — Mabel comemorou, junto com a plateia.

Mas Dipper não estava impressionado.



— Puxa, esse cara é uma fraude maior ainda que o Stan! — ele comentou, enquanto eles saíam da tenda. — Agora entendo o porquê do ciúme.

— Ah, qual é?! A dancinha dele foi adorável! — Mabel disse. — E o cabelo dele era, tipo, *UAU*!

Dipper balançou a cabeça.

— Você cai nessas com facilidade.

— Yeah, yeah! — Mabel soltou, rindo.

Gideão era fofo e muito divertido, mas Mabel sabia que Dipper provavelmente tinha razão. Tivô Stan estava completamente errado sobre o fato de Gideão ser um monstro.

Atrás deles, Gideão observava Mabel por detrás da tenda… e seus pequenos olhos fofinhos semicerraram, de maneira ameaçadora.

CAPÍTULO DOIS



NO DIA SEGUINTE, na Cabana do Mistério, Mabel correu até Dipper para lhe mostrar algo. Ela estava segurando uma arma de plástico rosa, com cola quente, e seu rosto estava repleto de joias de plástico azuis, verdes e cor-de-rosa.

— Olhe só, Dipper! Consegui ofuscar meu rosto! — ela anunciou. — *Pisca*. — Joias saíram de suas pálpebras. Ela lamentou: — Ai.

Dipper balançou a cabeça em desaprovação.

— Isso aí é *pra sempre*?



— Não sou valorizada no meu tempo — Mabel disse.

Em seguida, a campainha tocou.

— Alguém atenda essa porta! — gritou Stan.

— Eu atendo! — disse Mabel, rapidamente limpando as pedras do rosto. Quando ela abriu a porta, Gideão estava em pé, bem na sua frente.

— Olá — ele disse.

— É vocezinho! — Mabel disse, emocionada.

— Minha música pegou mesmo — Gideão comentou, arrependido. — Sei que nós não nos conhecemos, mas desde a apresentação de ontem que não consigo tirar sua risada da cabeça!

— Fala desta aqui? — perguntou Mabel. Então, ela soltou uma risada que se assemelhava a de um filhote de foca pedindo peixe. — Ah ha ha ha ha ha!

— Oh, que delícia! — disse Gideão, radiante. — Quando vi você na plateia, eu disse pra mim mesmo: “Olha, uma alma gêmea. Alguém que admira as coisas brilhantes que existem na vida.”

— *Totalmente* eu! — disse Mabel. — Ha ha ha ha… *Cof! Cof!* — ela riu, mas se engasgou com as pedras, as quais voaram em Gideão e se prenderam na gola de seu terno.

Ele olhou para baixo, para sua gola, cheio de admiração.

— Que encanto. Ela é mesmo um encanto — sussurrou o garoto, apaixonado.

— Quem está aí? — gritou Stan de dentro.

— Ninguém, Tivô Stan! — Mabel mentiu depressa.

— Eu agradeço pela sua discrição — disse Gideão. — Sabe, o Stan não é meu fã. Não entendo como um limão tão azedo pode ser parente de um pêssego tão doce!

Ele riu e Mabel ficou envergonhada.

— Gideão!

— O que você acha de nos afastarmos daqui pra conversarmos um pouquinho? Sei lá, talvez no meu camarim? — perguntou Gideão.

Os olhos de Mabel se arregalaram.

— Transformações! Uhull! — ela comemorou, cutucando a barriga gorducha de Gideão.

— É, ha ha… Ai — ele sussurrou para si mesmo.

Eles vão até seu camarim, que estava cheio de roupas com glitter e acessórios.



— Vê alguma coisa do seu agrado? — perguntou Gideão. Em seguida, ele olhou para ela e abaixou o tom de voz. — Porque eu vejo.

Mas se Gideão estivesse insinuando que gostava de Mabel, ela, por outro lado, estava totalmente indiferente. Ela só pensava que ele gostava das mesmas coisas que ela. Eles experimentaram roupas e depois foram fazer penteados, maquiagem e unhas. Quando Mabel voltou para a Cabana do Mistério, ela balançava suas unhas na frente do rosto de seu irmão.

— Uau, onde você tava? — Dipper perguntou. — E o que aconteceu com as suas unhas? Tá parecendo o Wolverine.

— Eu sei, tá? — ela rosnou. — Fui dar uma volta com o meu novo amigo, o Gideão! É um homenzinho elegantíssimo!

— Mabel, eu não confio em ninguém que tenha o cabelo maior que a cabeça — comentou Dipper.

— Ai, deixa ele em paz! — disse Mabel. — Você nunca quis fazer coisas de menina comigo. — Ela apontou para ele. — Você e o Soos só querem fazer coisas de menino.

— Como assim? — disse Dipper.

Então, Soos entrou, segurando um pacote de salsichas.

— Estão a fim de explodir essas salsichas no micro-ondas, uma por uma?

— Eu tô! — Dipper comemorou e correu atrás dele.

Com isso, Dipper não quis discutir o fato de Mabel querer sair com Gideão novamente, no dia seguinte. Ela e Gideão subiram até o teto de uma fábrica que fazia todos os souvenirs de Gideão.

— Uau! A vista da fábrica da sua família é incrível! — disse Mabel. — Ainda bem que nós dois trouxemos nossos…

— Binóculos! — Mabel e Gideão disseram juntos, rindo.

Então, eles observaram tudo lá de cima. As árvores e casas de Gravity Falls estavam todas espalhadas, logo abaixo deles.

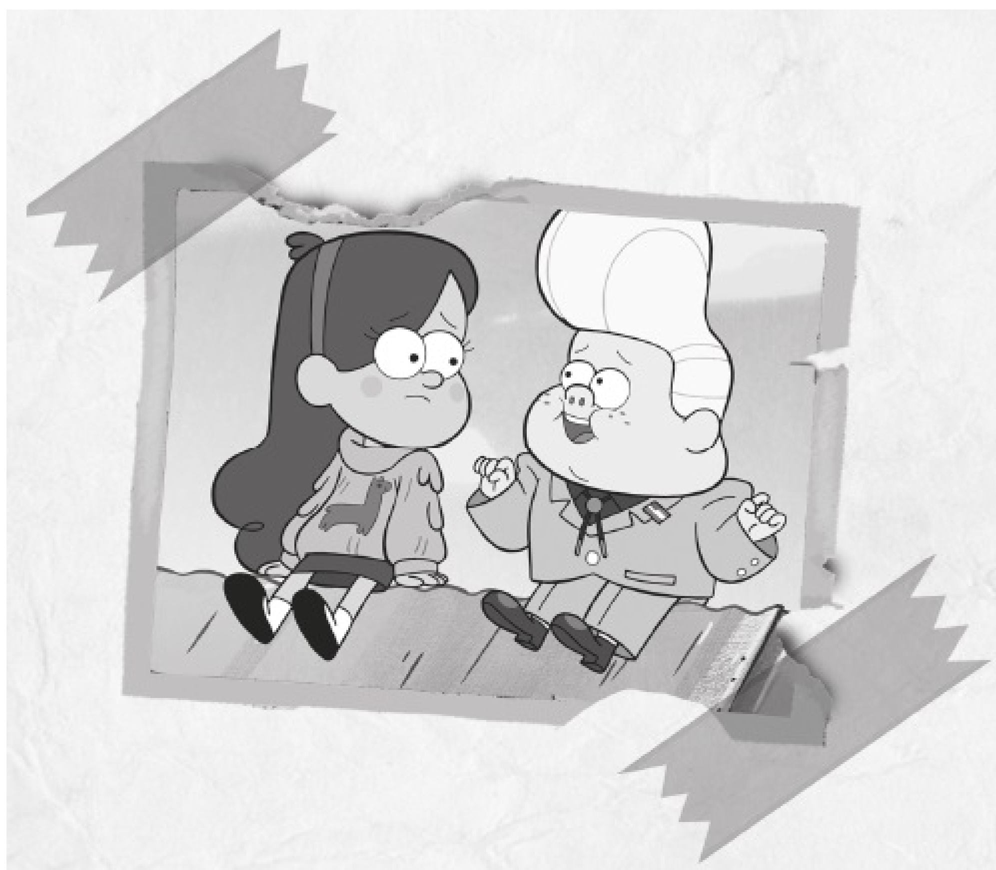
— Mabel, quando estou aqui em cima observando aquelas pessoinhas lá embaixo, eu me sinto o rei de tudo que eu posso ver. — Um olhar sombrio perpassou seu rosto, mas ele desapareceu antes que Mabel pudesse percebê-lo. — Acho que isso faz de você minha rainha.

— O quê? — Mabel perguntou, rindo. — Você tá sendo bondoso demais comigo agora. Para! — Ela o empurrou, amigavelmente, no estômago.

— Não consigo parar — Gideão disse, calmamente. — Tô falando do fundo do meu coração.

— De onde, mesmo? — Mabel perguntou, seus olhos se moviam rapidamente.

— Mabel, eu nunca me senti tão próximo de alguém na vida. Tão, tão próximo. — Ele fez duas tentativas de alcançar o cabelo de Mabel e passar a mão nele, mas ela empurrou a mão dele as duas vezes.



— Olha, Gideão, eu… gosto muito de você, mas vamos ser só amigos — Mabel sugeriu, nervosa. Às vezes ela sonhava em ter um namorado, mas lá no fundo sabia que era jovem demais para isso. E, além do mais, ela não gostava de Gideão daquela forma.

— Pelo menos me dê uma chance — disse Gideão. — Mabel, você vai me dar a grande honra de aceitar sair comigo?

— Pra brincar? — perguntou Mabel.

Gideão balançou a cabeça negativamente.

— Ir ao shopping? — ela perguntou, esperançosa.

— Hum-hum. Vai ser apenas um encontrinho de namoro. Juro pela minha gravata da sorte — ele falou, segurando a pedra verde que estava em volta de seu pescoço. Então, seus olhos se arregalaram e ele faz aquela cara de gato novamente. Era difícil para Mabel dizer não.

— Ahm… tá bom então, eu acho — ela confirmou, relutante.

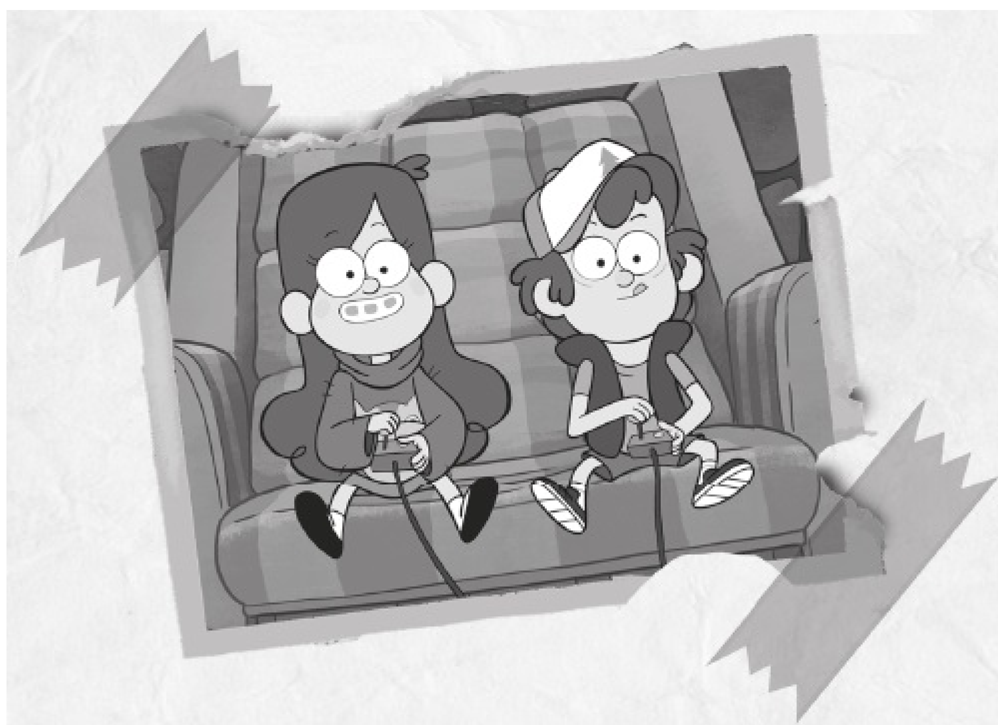
Gideão abriu um imenso sorriso.

— Mabel Pines, você fez de mim o garoto mais feliz do mundo! — Ele envolveu Mabel em um abraço.

Depois de alguns segundos, Mabel perguntou:

— Tá cheirando meu cabelo?

CAPÍTULO TRÊS



MAIS TARDE, na Cabana do Mistério, Mabel e Dipper jogavam videogames.

— Não é pra namorar — Mabel explicou a Dipper. — Entende? É só que não queria magoar ele, então resolvi dar uma chance.

— Mabel, os garotos não são assim! — seu irmão disse. — Ele vai se apaixonar por você!

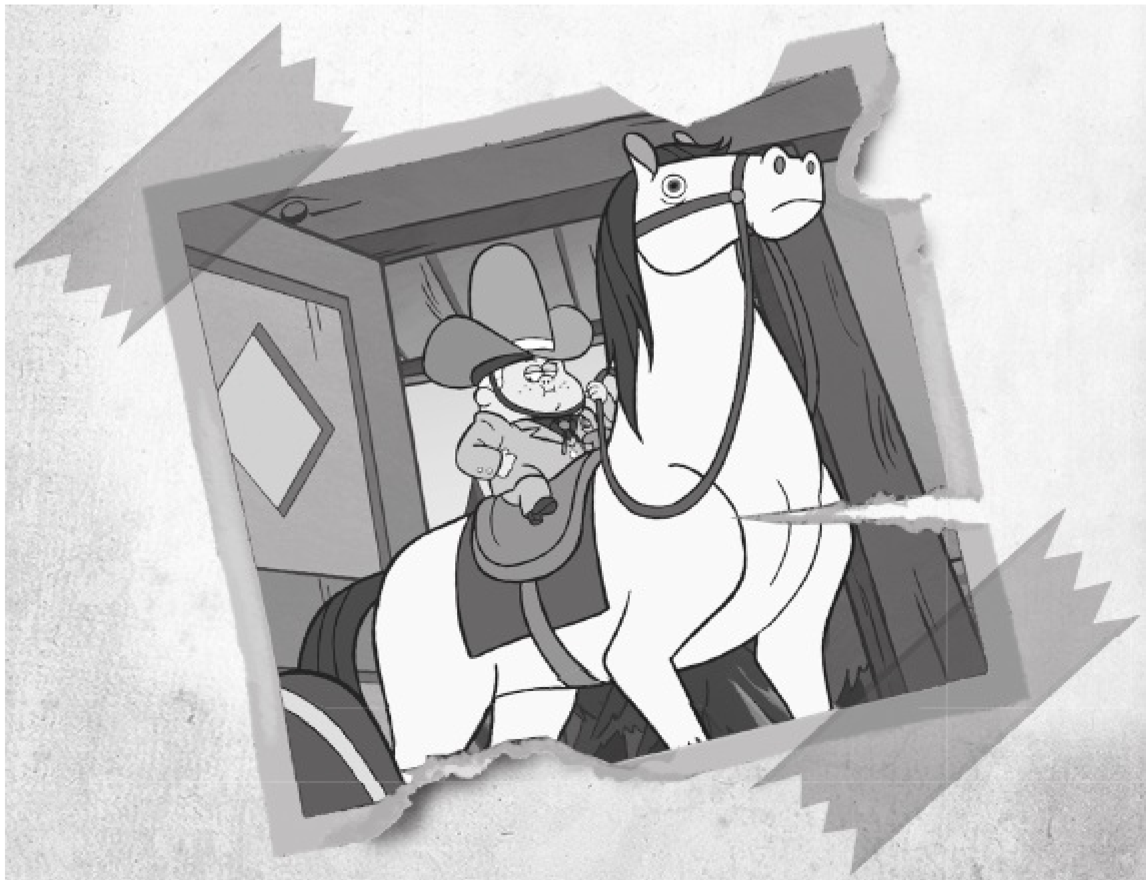
Mabel riu.

— Ah, tá certo! Eu não sou *tãão* adorável.

— Tá bom, concordamos em uma coisa — disse Dipper.

A campainha tocou e Mabel se levantou para atender. Quando ela abriu a porta, um cavalo entrou na Cabana! Mabel gritou e deu um salto para trás. Gideão montava o cavalo, usando um terno azul-claro, com um chapéu de caubói que combinava com sua vestimenta.

— Uma noite de encanto nos aguarda, minha dama! — ele disse, estendendo a mão para ela.



— Essa não — Mabel lamentou, prendendo a respiração. Algo lhe dizia que isso seria mais do que um "encontrinho de namoro".

Gideão a levou ao restaurante mais chique de Gravity Falls. Eles se sentaram na parte mais reservada, em um sofá azul.

— Nem acredito que deixaram a gente entrar com um cavalo — Mabel comentou, observando o cavalo beber da fonte decorativa do restaurante.

— Todo mundo tem dificuldade de dizer “não” para mim — explicou Gideão. Ele se inclinou para trás e colocou os pés em cima da mesa.

Um garçom com um grande bigode se aproximou deles.

— Ah-há, *monsieur* Gideão, os pés na mesa. Excelente! — ele falou, com sotaque francês.

Gideão franziu as sobrancelhas.

— Jean-Luc, o que eu falei sobre contato visual?

O garçom se afastou, com cara de paisagem.

— *Oui*, *oui*, *Monsieur*!

Mabel encarou a organização dos talheres à sua frente.

— Nunca vi tantos garfos! — Ela levantou o copo. — E água com bolhas dentro? Uh-lá-lá! *Oui, oui*!

Gideão limpou a garganta.

— *Parlez-vous Français*?

— Eu não faço ideia do que você disse — Mabel avisou, com um olhar vago.

De volta à Cabana do Mistério, Stan lia confortavelmente um jornal, em samba-canção — até que uma foto na página seis o congelou. Ele andou, pisando fundo, até a caixa registradora onde Soos, Dipper e Wendy estavam em volta.

— Ei, o que é que a Mabel está fazendo no jornal com esse almofadinha do Gideão? — ele resmungou, apontando para a notícia. Nela, havia uma foto de Mabel e Gideão andando pela rua, com a manchete: “NAMORADINHA DO GIDEÃOZINHO?”*.*

— Ah, é um acontecimento e tanto! — disse Wendy, verificando as notificações do seu celular.

— Todo mundo tá falando do grande encontro do Gideão com a Mabel.

A cara de Stan ficou vermelha.

— O quê? Esse trambiqueiro tá namorando a minha sobrinha--neta?

— Puxa, qual será o novo nome do supercasal? — Soos perguntou. — Mabideão? Gidabel? — então ele falou, num ímpeto: — Ma-giboleão!

— Eu não sabia! — Dipper disse a Stan. — Eu não soube de nada! Pedi a ela que não fosse!

Stan saiu e rapidamente vestiu seu terno.

— Pois isso acaba hoje — Stan disse firmemente, saindo pela porta da frente. — Eu vou direto à casa desse gambá. Isso vai acabar agora mesmo!

CAPÍTULO QUATRO



MINUTOS MAIS TARDE, Stan chegou à casa de Gideão, cantando pneu com seu carro. Ali moravam Gideão e seu pai, Buddy Gleeful. A casa branca coberta de telhas de madeira possuía uma cerca de metal ao seu redor. Na frente, havia um outdoor com os dizeres “CASA DO GIDEÃOZINHO! COMO NA TV!”.

Stan abriu os portões e cruzou a entrada pisando fundo. Ele passou por uma estátua do Gideão com asas, como se fosse um cupido. Havia uma placa com flores, que estampava “PERDOE ESTE

JARDIM”, pendurada na porta da frente. Stan bateu na porta o mais forte que pôde.

— Gideão, seu pilantrinha! Abra essa porta! — Ele parou e leu a placa. — Eu não perdoo nada! — ele gritou, arrancando a placa da porta.

Buddy Gleeful apareceu do outro lado da entrada, seu enorme corpo preenchia todo o batente da porta.

— Ora! Stanford Pines! Mas que prazer!

— Sai do caminho, Bud — Stan falou, empurrando ele para o lado —, tô procurando o Gideão.

Buddy deu um grande sorriso

— Bem, eu não tenho visto o garoto, mas já que está aqui, você vai ter que tomar um café comigo! — Ele colocou o braço em volta de Stan e o puxou para dentro.

— Ma-mas eu vim… — ele disse, porém Buddy apoiou a mão em seu ombro.

— É café importado! Importado da Colômbia! — O rosto de Stan se iluminou.

— Uau! Já comprei umas coisinhas de lá! — ele confessou, impressionado. Afinal de contas, quem poderia negar um cafezinho de graça?

Ele foi atrás de Buddy. Na sala, havia um sofá grande e uma poltrona lilás, com um tapete florido.

— Mas que casa você tem — Stan disse, olhando ao redor. Depois, ele parou em frente à pintura de um palhaço triste, que estava pendurada na parede, e assobiou em apreciação: — Uau! Isso é lindo. — Em seguida, ele se jogou no sofá macio.

Buddy limpou a garganta, nervoso.

— Bom, eu soube que a sua sobrinha e o meu Gideão estão… ahm, cantando em harmonia, por assim dizer — Buddy disse com uma risadinha, enquanto ele punha a xícara com café quente em cima da mesa.

— Hum, é, é! E eu sou contra isso! — Stan jogou uma almofada no chão.



— Não, não, não! Eu encaro isso como uma fantástica oportunidade de negócios! A Cabana do Mistério e a Tenda da Telepatia! — Buddy disse, ajudando Stan a se levantar e andando com ele pela sala. — A gente só vive brigando há tempo demais.

Depois de ver uma foto de Stan presa em um alvo de dardos, Buddy a retirou e disse:

— Deixe-me tirar isso. — Ele jogou a foto para trás e continuou a andar. — Esta é a grande chance de acabar com essa rivalidade e unir nossos lucros coletivos, entendeu?

A palavra “lucros” pegou a atenção de Stan.

— Eu tô escutando.

De volta ao restaurante, Mabel e Gideão estavam terminando o seu jantar chique. Gideão limpou o rosto com um guardanapo. Mabel olhou para baixo, para a lagosta ainda viva em seu prato. Ela não conseguia pedir que a cozinhassem.

— Mabel, o nosso encontro foi um sucesso total! — anunciou Gideão. — E o de amanhã promete superar o de hoje em todos os aspectos!

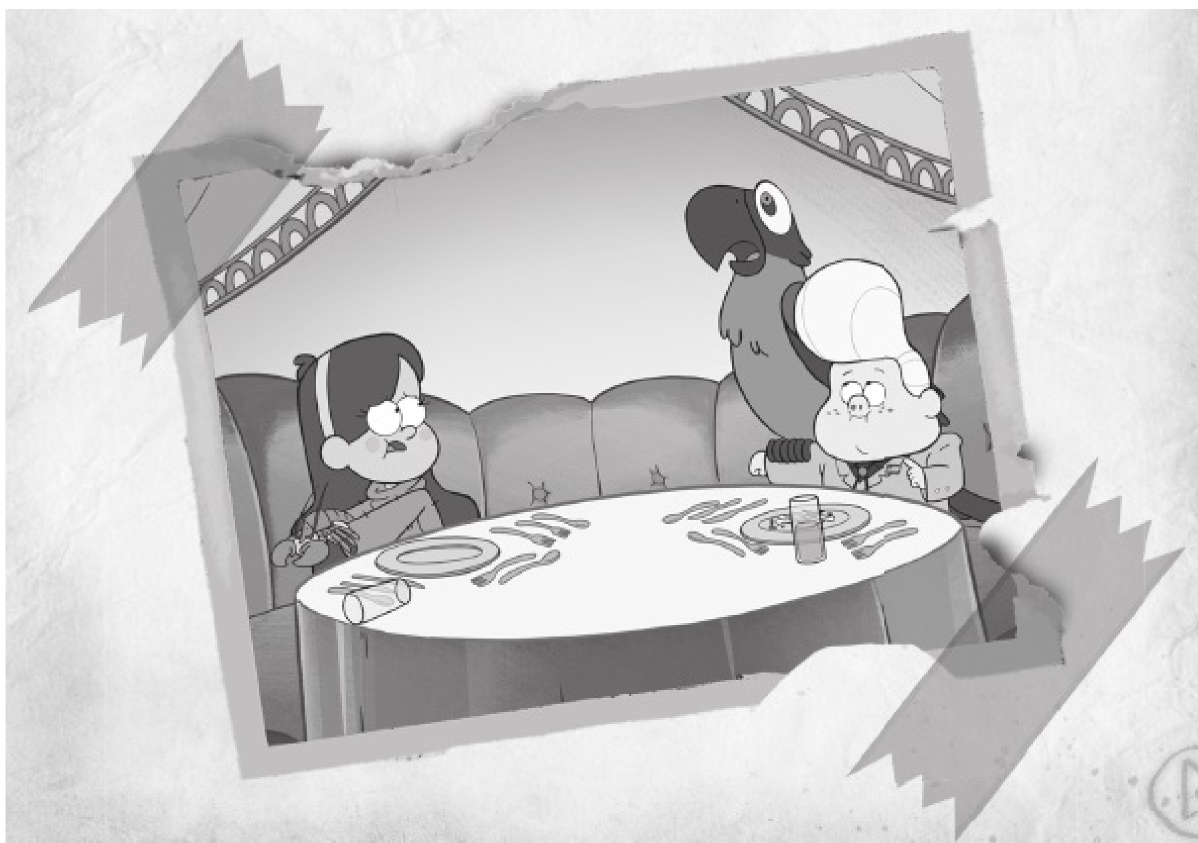
— Opa, opa! — Mabel disse. — Você disse que era só um! E foi este aqui! — E para Mabel, o encontro não havia sido um sucesso, nem um pouco. Gideão havia falado somente de si mesmo, o tempo

todo. Foi muita falta de educação levar um cavalo para um restaurante. E quem comia lagostas, afinal de contas?

Gideão estendeu seu braço.

— Ora! Oh, mas que surpresa! Uma arara-macau!

Um enorme pássaro, maior que a cabeça de Gideão, voou até a mesa e aterrissou no braço esticado de Gideão. Ele começou a contar de trás para frente. Então, o pássaro passou a guinchar uma mensagem, palavra por palavra.



— Mabel. Você. Pode. Acompanhar. Gideão. Ao. Salão. De. Baile. Nesta. Quinta. Ah, quinta!

Agora, todos no restaurante encaravam os dois.

— Ah, que adorável! — uma mulher disse, enquanto a arara saía voando.

De dentro da cozinha, o chef sorriu para eles:

— Gideão tá namorando!

— É o que todos querem ouvir — sussurrou Gideão. — Diga que vai, por favor!

— Ohhh! — todos diziam, enquanto eles se reuniam em volta da mesa.

Mabel não queria dizer “sim”. Nem um pouquinho.

— Gideão, me desculpa, mas infelizmente eu vou ter que dizer…

O xerife Blubs a interrompeu:

— Tô aguardando ansioso!

— Isso vai ser adorável — um homem magro comentou.

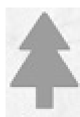
— Se ela disser não, vou morrer de tristeza! — uma velha senhora reclamou.

Um médico atrás dela disse:

— Posso verificar se isso vai acontecer mesmo.

Todos no restaurante estavam torcendo e clamando por Mabel.

Mabel suspirou. Ela queria dizer que não iria. Mas como ela poderia dizer isso, uma vez que todos queriam que ela dissesse sim?



Quando Mabel retornou à Cabana do Mistério, Dipper lia o Diário #3. Mabel entrou segurando a lagosta do restaurante.

— E aí, como é que foi? — Dipper perguntou.

— Eu não sei — Mabel disse com um suspiro —, mas agora tenho uma lagosta. — Ela colocou a lagosta cuidadosamente em um grande aquário e a observou afundar na água.

— Bom, já acabou e nunca mais vai ter que sair com ele — Dipper falou, esperando um “sim” de sua irmã. Porém, ela não disse nada. — Mabel, acabou, né? Mabel?

Mabel sacudiu as mãos no ar:

— *Blargh*! Ele me convidou de novo e eu não sabia como dizer não!

— Simples assim — Dipper disse. — Não!

— Não é tão simples, Dipper! — Mabel disse. — E eu gosto do Gideão. Como amigo e irmãzinha! Eu não queria magoar ele! — Ela se sentou na cadeira da frente de Dipper. — Só preciso fazer tudo voltar a ser como antes. Entende? Amigos!

Entretanto, Gideão tinha outras ideias. Mabel foi dançar com ele, como ela havia prometido, mas Gideão insistiu para que eles

fizessem um passeio de barco no lago de Gravity Falls em seguida. O Velho McGucket era o responsável por remar o barco, enquanto eles flutuavam pela água sob a luz do luar.

— Passeio ao luar! Passeio ao luar! — McGucket gritava para ninguém em particular.

Mabel ria de nervoso enquanto encarava Gideão nos olhos.

— Sabe, eu pensei que o baile ia ser o final da noite, certo?

Gideão segurou as mãos dela e disse:

— Você não quer que a noite dure mais, docinho?



Rapidamente, Mabel tirou as mãos de perto dele:

— Não! Quer dizer, quero. Sabe, sempre gosto muito de passear com um amigo. Colega. Meu chapa. Camarada. Sinônimo de amigo.

— Colega? — disse o Velho McGucket.

— Eu já disse “colega”. Hum, parceiro? — Mabel perguntou.

— E que tal… alma gêmea? — Gideão perguntou, enquanto se inclinava para perto dela. Fogos de artifício explodiam acima deles, nos quais se lia “MABEL” escrito em um coração cor-de-rosa.

— Depois dessa não dá pra dizê não! — o Velho McGucket disse.

E Mabel não podia dizer “não”. Gideão a havia preso em outro encontro antes de levá-la de volta à Cabana.

Lá dentro, ela andava para a frente e para trás, em círculos, muito nervosa.

— Ele é tão legal, mas não posso continuar fazendo isso, mas não quero magoá-lo. Argh! Não tenho saída! — ela dizia a si mesma, sentindo-se desesperada.

Dipper espiou dentro da sala.

— Mas o que que aconteceu nesse encontro?

— Eu sei lá! — Mabel lamentou. — Eu tava na zona de amizade. E aí, quando eu me dei conta, ele me empurrou pra zona de romance. Areia movediça! — Ela agarrou Dipper pelos ombros. — Areia movediça da grossa!

Dipper odiava ver sua irmã sofrendo daquele jeito.

— Mabel, qual é?! Você não vai precisar se casar com o Gideão.

Então, Stan entrou de surpresa na sala e disse:

— Boa notícia, Mabel! Você tem de se casar com Gideão!

CAPÍTULO CINCO



O QUEIXO de Mabel caiu:

— O quê?

— Faz parte do meu trato de longo prazo com Buddy Gleeful! — Stan explicou. — Tem um monte de grana envolvida nisso. Aliás, eu ganhei essa camiseta.

Ele olhou para baixo, para a camiseta que usava.

Nela, podia-se ler “TIME GIDEÃOZINHO”. A camiseta justa prendia sua barriga flácida.

— Nossa, como eu tô gordo — Stan disse.

Mabel deu um grito e saiu correndo da sala.

— O tempo é cruel, querida! — ele falou para ela. — O tempo é cruel.

Dipper seguiu Mabel até o quarto compartilhado por eles no sótão. De início, não encontrou Mabel. Mas, depois, percebeu que ela estava escondida em um canto, movendo-se para frente e para trás em posição fetal, dentro de um suéter que a cobria por completo.

— Ah, não — Dipper disse. — Mabel?

— Mabel não está. Foi pra Cidade Suéter — ela disse, muito triste.



— E quando é que você vai sair da Cidade Suéter? — Dipper perguntou.

Mabel gemeu e balançou a cabeça negativamente.

— Muito bem. Agora chega! Se não pode terminar com Gideão, eu faço isso por você.

Mabel tirou parte da sua cabeça de dentro do suéter.

— Faz mesmo? — Mabel perguntou.

Dipper assentiu.

Em seguida, ela abraçou o irmão e lhe deu soquinhos amigáveis:

— Oh! Obrigada! Obrigada! Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Mabel sabia que eles poderiam encontrar Gideão no "O Clube", um lugar onde as pessoas ricas de Gravity Falls iam. Ela esperou do lado de fora, enquanto Dipper entrava para falar com Gideão. Ele viu Gideão sentado em uma mesa, sozinho.

— Oh, Dipper Pines, como tem passado? — perguntou Gideão, abaixando o enorme cardápio do restaurante. — Você está bem, muito bem.

— Obrigado, você, é… — Mas Dipper não conseguia pensar em nada legal para dizer. Ele simplesmente coçou a cabeça. — Olha, Gideão, vamos conversar. Mabel não vai mais sair com você. Ela não quer mais ver você. — Ele riu, nervoso. — Ela tá meio assustada com você. Mas, sem ofensa!

Os olhos de Gideão semicerraram-se.

— Então, o que está dizendo é que você se meteu entre nós — ele disse, seus dentes rangiam de raiva. Um de seus olhos se contraiu.

Dipper não estava gostando de seu olhar.

— Você não vai, tipo, surtar, não é mesmo?

— Não, é claro que não! — Gideão mudou o tom de voz e soltou uma risada gentil. — Essas coisas acontecem. He he he. Já é passado.

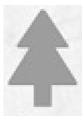
Dipper concordou.

— Então, tudo bem. Bom, novamente, desculpe, cara, mas, ei, amizade, ahm?

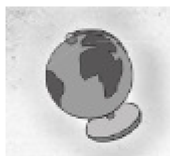
Dipper forçou um sorriso e fez um sinal de joinha para Gideão. Depois, ele rapidamente andou para trás e foi para fora, onde Mabel o aguardava, nervosa.

— Como foi? Ele ficou zangado? Ele tentou ler a sua mente com poderes psíquicos? — ela perguntou.

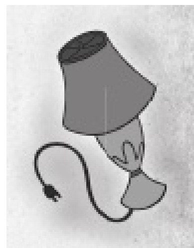
— Relaxa, Mabel, ele é só um garoto — Dipper a confortou. — Ele não tem poderes.



Na casa de Gideão, ele estava furioso. Em seu quarto, ele encarava o reflexo em um espelho iluminado.



— Dipper Pines, você não sabe o que fez! — ele resmungou, irritado. Então, colocou a mão sobre a pedra presa na gravata ao redor de seu pescoço e uma luz verde estranha saiu dela.



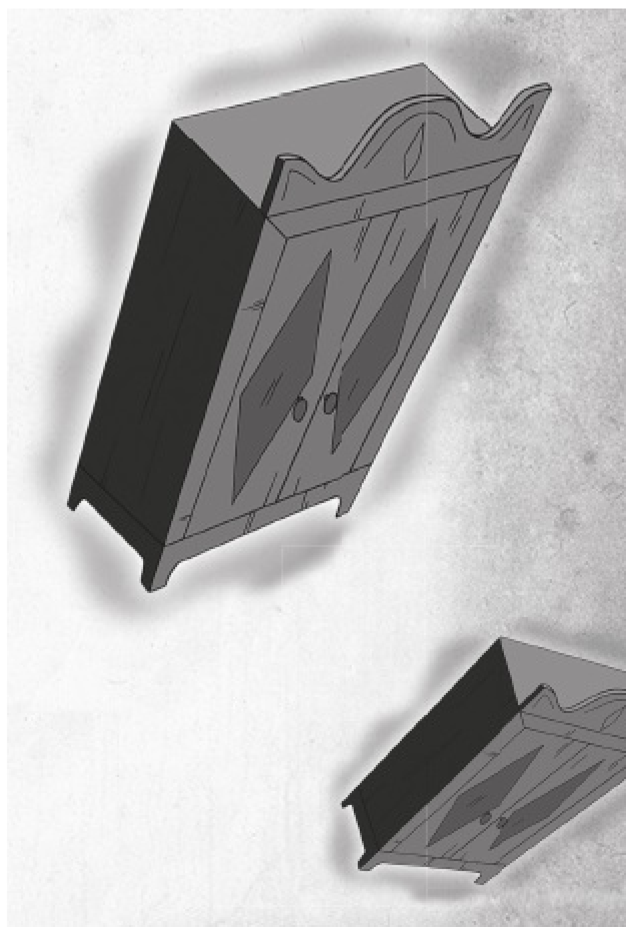
Crash! Crash! Crash! As lâmpadas em volta do espelho começaram a explodir, uma a uma. A penteadeira, a mesa de cabeceira e a cama começaram a levitar.



— Você cometeu o maior erro de toda a sua vida! — Gideão resmungou, pensando em Dipper. Irritado, ele apontou para a penteadeira que flutuava.



Crash! Ela caiu no chão, quebrando -se em vários pedaços.





Seu pai abriu a porta do quarto.

— Gideão Charles Gleeful! Arrume o seu quarto agora mesmo!

Gideão se virou, seus olhos estavam flamejantes. Ele apontou o dedo gorducho para seu pai e disse:

— Posso comprar e vender você, meu velho!

Buddy encolheu os ombros.

— É justo. — E então saiu do quarto e fechou a porta.

Mas Dipper e Mabel não faziam ideia do quão bravo Gideão estava — ou se ele realmente tinha poderes mágicos.

De volta à Cabana do Mistério, todos estavam reunidos, vendo quem daria um soco no travesseiro que Soos havia colocado embaixo de sua camiseta.

— Tô muito contente que tudo voltou ao normal — Mabel disse, aliviada.

Então, o telefone tocou e Dipper atendeu.

— Aqui é Toby Determinado, do *Jornal de Fofocas* — disse a voz do outro lado da linha.

— Ah, oi! É o Dipper — Dipper respondeu.

— Queremos entrevistar você sobre qualquer coisa incomum que tenha visto aqui nessa cidade, desde que chegou — o repórter disse.

— Ah, finalmente! — Dipper exclamou. — Achei que ninguém ia perguntar! Eu tenho anotações e teorias!

Dipper escreveu o endereço que Toby lhe deu.

— Logo mais? Combinado.

Dipper estava muito empolgado. Ele fizera anotações sobre tudo de estranho que havia visto em Gravity Falls desde que chegara. Ia ser incrível compartilhar suas histórias com o mundo.

Ele nem pensou que poderia ser uma armadilha. Que Gideão havia subornado Toby para fazer com que Dipper estivesse exatamente no local que ele queria — sozinho, à mercê de Gideão.

Naquela noite, Dipper foi de bicicleta até o endereço que Toby havia dado a ele — Rua Gopher, número 412. O local ficava no topo de um morro, em uma fábrica da qual se podia ver a cidade toda. Dipper entrou pela porta de trás e, com cautela, chamou em meio à escuridão:

— Olá?

A porta se fechou atrás dele. Ele tentou abri-la, batendo contra, mas ela estava trancada. Ele se virou, conforme as luzes começaram a se acender. Uma cadeira giratória deu uma volta e revelou Gideão sentado nela. Ele acariciava um pequeno boneco Gideão em seu colo. O boneco era basicamente uma versão em miniatura dele mesmo.

— Olá, meu amigo — Gideão disse, com uma voz doce.

Dipper estava incomodado.

— Gideão?

— Dipper Pines, há quanto tempo mora na cidade? — Gideão perguntou. — Uma semana? Duas? Gosta daqui? Aprecia a paisagem?

— O que você quer comigo? — Dipper perguntou.

— Presta muita atenção, garoto — Gideão disse, sua voz começando a ficar mais sombria. — Esta cidade tem segredos que você nem sequer sonha entender.

— Isso é por causa da Mabel? — Dipper perguntou. — Eu já disse que ela não te quer!

— Mentira! — Gideão explodiu. Ele pulou de sua cadeira e marchou em direção a Dipper. — Você a atirou contra mim. Ela era meu pudim de pêssego!

O rosto de Gideão se encheu de raiva. A pedra em seu pescoço começou a brilhar, conforme ele colocava a mão sobre ela.

— Ahm, você tá bem, cara?

A luz azul esverdeada, que saía da pedra, envolveu Dipper. Ele ficou surpreso, pois a luz conseguiu levantá-lo do chão. Então, ela o jogou para trás, fazendo com que ele se chocasse com uma pilha de caixas de bonecos do Gideãozinho.

— Olá! — um dos bonecos falou.

Gideão exibiu um sorriso sinistro.

— Ler mentes não é tudo que eu faço.

Dipper não acreditava no que estava vendo.

— Mas… mas você é falso! — Mas parecia que ele não tinha tanta certeza disso.

— Então me diga, Dipper, isso é falso? — Gideão colocou a mão sobre a pedra.

Ele levantou a outra mão e as caixas da fábrica começaram a se abrir. Dipper ficou em choque enquanto os bonecos do Gideão, os relógios e as canecas começaram a flutuar, suspensos por uma luz azul!

CAPÍTULO SEIS



ENQUANTO DIPPER estava preso nas garras de Gideão, Mabel estava sentada na varanda da Cabana do Mistério, mastigando seu próprio cabelo. Inicialmente ela estava contente por Dipper ter dado um jeito no problema com Gideão por ela. Mas depois começou a se sentir mal por isso. No fundo, sabia que deveria ter feito algo.

Wendy se sentou ao seu lado.

— Qual é o gosto do cabelo, amiga?

— Wendy, preciso de um conselho — Mabel disse. — Você já terminou com rapazes, certo?

— Ah, sim. — Ela começou a contar nos dedos. — Russ Durham, Eli Hall, Stony Davidson…

— Não sei o que há comigo! — Mabel lamentou. — Pensei que tudo tinha voltado ao normal, mas ainda me sinto enjoada.

— Mike Worley, Nate Holts, ai, o cara das tatuagens… — Wendy disse, ainda contando.

Mabel suspirou.

— Acho que deixar o Dipper ir no meu lugar foi um erro. O Gideão merece um término honesto.

— Danny Feldman, Mark Epstein. Ai, não, não sei se terminei com esses. Será que é por isso que ele fica me ligando?

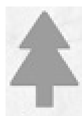


— Já sei o que preciso fazer — Mabel disse. — Obrigada pelo conselho, Wendy!

Ela subiu na sua bicicleta e saiu pedalando.

O telefone de Wendy tocou. Era um dos seus ex.

— Ignorar!



Na fábrica, Dipper se esquivava dos produtos de Gideãozinho, enquanto o pequeno psíquico arremessava objetos flutuantes, um a um, em sua direção. Eles se despedaçavam ao seu redor. Ele correu na direção de uma prateleira enorme, que caiu e se rompeu na sua frente. Dipper se afastou a tempo.

— O Tivô Stan estava certo sobre você! — Dipper gritou. — Você é um monstro!

— Sua irmã será minha! — Gideão gritou, rindo loucamente.

Gideão puxou uma cordinha do boneco que estava em sua mão, e ele reproduziu uma risada igual à dele.

Ao olhar para baixo, Dipper viu uma caixa escrita "OBJETO CONTUNDENTE DO GIDEÃO". Ele a alcançou e retirou de seu interior um taco de beisebol e foi atrás de Gideão. Ele, por sua vez, apontou o dedo e arremessou Dipper pelo ar.

— Ela nunca vai namorar com você, cara! — Dipper gritou.

— É mentira! — queixou-se Gideão. — E eu vou dar um jeit pra que você nunca mais minta pra mim, amigo!

Ele fez um movimento com a cabeça na direção de uma c de "TESOURAS DE PODA DO GIDEÃO". A caixa se abriu sozinha par de tesouras afiadas voaram na direção de Dipper, amea do-o com movimentos cortantes.

Mabel entrou pela porta do depósito e gritou:

— Gideão! Precisamos conversar!

Gideão se virou, surpreso.



— M-M-Mabel! Meu docinho de coco! O que está fazendo aqui? — ele gaguejou e as tesouras caíram no chão, sem causar dano algum.

— Desculpa, Gideão, mas não posso ser seu docinho de coco — Mabel disse. — Precisava ser sincera e dizer isso eu mesma.

— Eu… eu não entendo — ele falou, segurando com nervosismo a pedra em seu pescoço. A energia verde azulada que envolvia Dipper começou a se transformar.

— Uh, Mabel, eu acho que essa não é hora de ser sincera com ele! — Dipper clamou, enquanto sentia uma força invisível enforcá-lo.

Mabel deu um passo à frente, sorrindo amigavelmente.

— Ei, mas ainda podemos ser amigos de maquiagem, certo? — ela perguntou. — Gostaria disso?

Os olhos de Gideão se arregalaram.

— É mesmo?

— Não! Não mesmo! — Mabel gritou, arrancando a pedra do pescoço de Gideão.

A luz verde azulada se dissipou e Dipper caiu no chão.

— Você tava agredindo meu irmão! — Mabel disse. — O que que é isso?

— Minha gravata! Devolve! — Gideão pediu.

Ele se inclinou em direção a Mabel, que arremessou a pedra para Dipper.

— Ah, não é tão poderoso sem isso, né? — Dipper perguntou.

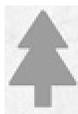
Gideão correu em sua direção como um touro. Dipper jogou novamente a pedra para Mabel no momento em que Gideão se chocou contra ele. Dipper e Gideão quebraram a janela da fábrica e caíram do topo do enorme penhasco do morro!

— Dipper! — Mabel gritou.

Enquanto Gideão e Dipper caíam, eles trocavam tapas. Só então perceberam que o chão estava cada vez mais próximo. Era o fim!

— Aaaaaaaaaah! — eles gritaram.

Então uma luz verde azulada os envolveu, suspendendo-os antes que se chocassem contra o solo. Eles olharam para cima e viram Mabel flutuando no ar acima deles, repleta de luz. A pedra estava reluzindo em sua mão.



— Escuta, Gideão. Se liga, acabou. Nunca vou namorar com você.

— É! — Dipper gritou, em seguida, ele e Gideão caíram no chão



Depois, Mabel lançou a pedra no chão e ela se quebrou, virando poeira.

— Meus poderes! — lamentou Gideão. Seus olhos começaram a se cerrar conforme ele andava para trás. — Oh, isso não acabou. Não foi a última vez que vocês viram o pequeno… eu… zinho.

Gideão, irritado, voltou para casa e abriu a porta da frente. Ele encontrou seu pai e Stan relaxando no sofá, enquanto tomavam refrigerante famoso e planejavam seu rentável futuro juntos.

Gideão pulou na mesa de centro e apontou para Stan:

— Stanford Pines, eu te repreendo! Eu te repreendo!

— Repreende? Que palavra é essa? — perguntou Stan.

— A família Pines inteira provocou minha fúria e vocês todos terão que pagar pelas transgressões que cometeram! — Gideão disse, fechando os punhos.

— Quê? Você tem um vocabulário bem esquisito, hein, moleque? — perguntou Stan.

Buddy apertou as mãos, nervoso, e se dirigiu a Gideão:
— Mas, querido, e aquele nosso acordo com a Mabel?
— Silêncio! — Gideão berrou.
Buddy deu uma risadinha e se virou pra Stan.
— Bom, hum, e-eu vejo que ele já está surtando outra vez. Desculpe, Stan, preciso ficar do lado de Gideão desta vez.
Ele rasgou o contrato que ele e Stan haviam feito.
Stan se levantou.
— Tá bom! Tá bom! Eu percebo quando sou indesejado.
Então, Stan agarrou o quadro do palhaço triste pregado na parede e saiu correndo pela porta.
— Tentem me alcançar, seus caipiras! — Ele se virou e gritou por cima dos ombros.
Stan saltou em seu carro e rapidamente voltou à Cabana do Mistério, onde encontrou Dipper e Mabel sentados, muito desesperançosos, no sofá.
— Eu podia estar com tudo — Stan disse, suspirando, enquanto colocava na parede a pintura do palhaço triste. Depois, ele percebeu o quão desolados Dipper e Mabel pareciam estar.
— Que que aconteceu com vocês dois?
— Gideão — os gêmeos falaram ao mesmo tempo.
Stan semicerrou os olhos.
— Gideão. É, o mutantezinho jurou se vingar da família inteira. — Stan soltou uma risadinha. — Acho que ele vai tentar morder o meu tornozelo, sei lá.
Dipper se animou. Tivô Stan tinha razão. Sem sua pedra mágica, Gideão era somente uma criança irritante.
— Ah, é, como é que ele vai destruir a gente agora, hein? Vai tentar acertar em que número a gente tá pensando? — Dipper riu.
— Nunca vai acertar em que número eu tô pensando — Mabel disse. — Oito negativo! Ninguém acertaria um número negativo!
Todos riram.
— Uh, cuidado! Aposto que ele está planejando a nossa destruição agora! — Stan disse e todos riram mais alto ainda.
Porém, de fato, Gideão estava planejando a destruição deles…
— Gideão, eu ainda te amo! — Gideão disse, em um tom de voz agudo, segurando uma boneca de Mabel que ele havia feito com

madeira. — Se ao menos minha família não se intrometesse…
Depois, pegou um boneco que se parecia com Stan.
— Olha pra mim! Sou velho e fedorento!
Por fim, pegou um boneco do Dipper.
— Ei, o que você vai fazer com o seu precioso amuleto?
— Ah, você vai ver, garoto. Você vai ver…
Gideão sorriu.

